



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

CRISTIANE DIAS DA SILVA

**A DINÂMICA DO USO DO SOLO DA AVENIDA CRUZ DAS ARMAS
EM JOÃO PESSOA – PB**

João Pessoa - PB
2012

CRISTIANE DIAS DA SILVA

**A DINÂMICA DO USO DO SOLO DA AVENIDA CRUZ DAS ARMAS
EM JOÃO PESSOA – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal da Paraíba como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Geografia, sob orientação do Professor Dr. Sérgio Fernandes Alonso

**João Pessoa - PB
2012**

Catálogo na publicação
Universidade Federal da Paraíba
Biblioteca Setorial do CCEN

S586d Silva, Cristiane Dias da
A dinâmica do uso do solo da avenida Cruz das Armas em
João Pessoa – PB / Cristiane Dias da Silva. – João Pessoa, 2012.
65f. : il. -

Monografia (Graduação em Geografia) – CCEN/UFPB
Orientador: Prof.º Dr. Sérgio Fernandes Alonso.

1. Utilização do solo – João Pessoa. 2. Avenida Cruz das Armas.
3. Urbanização – João Pessoa. I. Título.

BS/CCEN

CDU|: 631.47(813.3)(043.2)

CRISTIANE DIAS DA SILVA

**A DINÂMICA DO USO DO SOLO DA AVENIDA CRUZ DAS ARMAS EM JOÃO
PESSOA – PB**

Monografia aprovada em 06 / 11 /2012 como pré-requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel no curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Nota: _____

Professor Dr. Sérgio Fernandes Alonso
Orientador - UFPB

Professora Msc Ana Glória Cornélio Madruga
Examinadora – UFPB

Professora Msc. Maria do Socorro Nicolly
Examinadora - FIP

DEDICATÓRIA

Agradeço e dedico a Deus este trabalho, que me permitiu chegar até aqui e sempre me dá forças para derrubar os obstáculos que encontro pelos caminhos da vida. Sem Ele nós não somos nada.

A minha jornada de anos e anos de estudo de onde tirei muitas lições de vida, enfrentei alguns obstáculos e com esforço e perseverança consegui chegar até aqui.

A minha mãe Josilda, que me ensinou a ser a pessoa que sou, pela sua importância em minha vida, pela paciência, por me chamar atenção nos momentos necessários e pelo enorme incentivo e contribuição tanto para a construção deste trabalho como por tudo que foi e que é relevante na minha formação como pessoa.

AGRADECIMENTOS

A minha família, que estão sempre ao meu lado, que me amparam e que me aconselham nos momentos difíceis. A meu pai Manoel Sérgio, pela importância em minha vida, por ter contribuído para minha formação como pessoa. Aos meus irmãos Thiago e Lucas que com humor e descontração me fazem abstrair do estresse cotidiano e com suas críticas construtivas me fazem repensar algumas atitudes.

As minhas tias Joselia, minha madrinha, uma pessoa muito importante na minha vida, que junto a minha mãe ajudou na minha educação e criação e Josete que também sempre esteve muito próxima e acompanhou meu crescimento.

A João Batista, meu tio de coração e padrinho, que é uma pessoa maravilhosa. Sempre presente em minha vida junto a minha tia Joselia.

Aos funcionários e professores do departamento, em especial ao professor Sérgio Alonso, por ter aceitado me orientar quando o trabalho já se encontrava iniciado. Agradeço a liberdade e a confiança que me foi posta e todo o auxílio que foi muito importante para a construção deste trabalho. Ao professor Anieres Barbosa da Silva, pela orientação no projeto em que estive vinculada, pela contribuição para minha formação e confiança em mim depositada. A professora Doralice Maia Satyro, pelo conhecimento a mim passado em sala de aula, ao auxílio durante o início da construção deste trabalho e suas contribuições bibliográficas, a professora Maria de Fátima Albuquerque Rangel Moreira, pelos momentos de aprendizado, confiança e descontração e a professora Ana Madruga por ter aceitado fazer parte da banca a qual este trabalho foi submetido e pelas suas contribuições para a minha formação acadêmica.

A Nirvana por ter começado uma co-orientação e por ter me ajudado a terminar o primeiro capítulo deste trabalho.

A minha amiga Genira, que apesar de não termos nos visto há um bom tempo, continua presente na minha vida. Sempre me envia mensagens de texto com frases, pensamentos e citações que me fazem muito bem e alegam meu dia. Obrigada pela amizade sincera.

Aos colegas de curso:

Amanda e Larissa, que de colegas passaram a ser minhas grandes amigas. Obrigada pelos momentos de descontração e risadas e principalmente pela amizade.

Ina, Diego, Michael, Geysa, Thiago, Brunno, Yaponira e Marcelo pelos momentos de descontração tanto na academia quanto fora dela e pela amizade que começou na graduação e que eu espero que continue para sempre. E aos demais colegas de turma e curso, por fazerem parte dessa jornada geográfica.

Agradeço a todos que estiveram ligados direta e indiretamente na construção deste trabalho. Muito Obrigada.

"Tudo posso naquele que me fortalece"
Filipenses 4: 13

RESUMO

A cidade, como um mosaico, está composta por diversos elementos que juntos formam um todo e um desses elementos é a rua. A rua é o principal componente de uma cidade, uma célula do tecido urbano e que a partir dela nasce o bairro. Nasce como um caminho que leva a algum lugar. Tortuosas ou retilíneas as ruas passaram por reformulações desde a antiguidade até os dias atuais, assim tornaram-se as ruas (sejam elas ruelas, rua ou avenidas) que conhecemos hoje e que formam grandes redes urbanas. Cada uma destas ruas tem suas particularidades e usos do solo diversos. A Avenida Cruz das Armas é uma via de acesso de grande importância, pois foi uma das vias de expansão e umas das principais entradas/saídas da cidade que dá acesso a cidade de Recife. O objetivo principal deste trabalho é procurar revelar e de tal modo compreender a dinâmica do uso do solo da Avenida, as mudanças ocorridas na mesma, analisando os dados coletados e seu uso do solo, no entanto com a ressalva de que essa transformação ocorreu com maior intensidade a partir da década de 1980, mas iniciada em no final de 1960 e início de 1970 devido à expansão da cidade e com isso a necessidade de suprir a demanda comercial ou de serviços que iam ao longo desse crescimento para o lado sul da cidade. Apresenta um grande número de residências, comércios e serviços além de outras atividades ao longo da sua extensão que aos poucos se transformam apesar de não como durante a expansão. Hoje mantém seu solo “estagnado” em uma transição que deixou o seu uso misto, anteriormente residencial. Encontra-se marginalizada em relação a Epitácio Pessoa, a outra via de expansão da cidade, mas é nítido que a mesma tem sempre teve um potencial para crescimento que não soube ser aproveitado, embora muitas das residências presentes podem vir a se tornar comércios no futuro, ou então dar lugar ao processo de verticalização, presente em muitos pontos da cidade.

Palavras-chave: Avenida Cruz das Armas, Rua, Uso do solo, Geografia histórica.

ABSTRACT

The city, like a mosaic, is composed of different elements that together form a whole and one of these elements is the street. The street is the main component of a city, a cell of the urban tissue and that it comes from the neighborhood. Born as a path that leads somewhere. Tortuous or rectilinear streets went through reformulations from antiquity to the present day, thus became the streets (alleys, streets or avenues) and we know today that form large urban grids. Each of these streets has its particularities and various land uses. Cruz das Armas Avenue is a gateway of great importance, because it was one way of expansion and one of the main entrances/ exits of the city that gives access to the city of Recife. The main objective of this work is to seek and reveal so understanding the dynamics of land use Avenue, the changes in the same, analyzing the data collected and its use of the soil, but with the caveat that this transformation occurred more intensity from the 1980s, but started in the late 1960 and early 1970 due to the expansion of the city and with it the need to meet the commercial demand or of services that went along that growth to the South side of the city. It features a large number of homes, shops and services and other activities along its length which gradually transform although not as during expansion. Today keeps your soil “stagnated” in a transition that has left its mixed use, residential above. Is marginalized over Epiácio Pessoa, the other via expansion of the city, but it is clear that it has always had the potential for growth that was unable to be tapped, although many of these households are likely to become in future trades, or give rise to vertical integration process, present in many parts of the city.

Key-words: Cruz das Armas Avenue, Street, Land Use, Historical geography.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1 - Avenida João Machado atualmente	27
Figura 2 - Residências de épocas diferentes dividem o espaço	36
Figura 3 - Mercado público de Cruz das Armas Sindolpho Freire. Em fase de início de reformas	38
Figura 4 - Mercado público de Oitizeiro	38
Figura 5 - Feira de Oitizeiro	38
Figura 6 - Antigo Quartel 22° B.C. Atual 15° Batalhão de Infantaria Motorizado	39
Figura 7 - 15° Batalhão de Infantaria Motorizado ou Batalhão Vidal de Negreiros	40
Figura 8 - Igreja São José Operário	41
Figura 9 - Cemitério São José	42
Figura 10 - Início da Avenida Cruz das Armas. Trecho do Bairro de Jaguaribe	46
Figura 11 - Final da Avenida Cruz das Armas. Em 2º plano é possível ver o viaduto Governador Ivan Bichara	47
Figura 12 - Campo no eixo leste da Avenida Cruz das Armas. Em 2º plano (lado esquerdo) existe uma empresa de ônibus, Paraíba Turismo	50
Figura 13 - Empresa de ônibus vista a partir da Avenida Cruz das Armas	50
Figura 14 - Fiteiros presentes ao longo da avenida	51
Figura 15 - Fiteiros presentes ao longo da avenida	51
Figura 16 - Algumas das igrejas presentes ao longo da avenida	52
Figura 17 - Algumas das igrejas presentes ao longo da avenida	52
Figura 18 - Atividade comercial na Avenida Cruz das Armas	54
Figura 19 - Atividade comercial na Avenida Cruz das Armas	54
Figura 20 - Atividade comercial na Avenida Cruz das Armas	54
Figura 21 - Atividade comercial na Avenida Cruz das Armas	55
Figura 22 - Condomínio em construção	59
Figura 23 - Condomínio Parque Jacumã. Primeiros prédios residenciais em construção	60
Figura 24 - Antiga Chácara onde eram realizados eventos religiosos (Missão Santo Fogo para as Nações)	60
Figura 25 - Condomínio em construção (Parque Jacumã)	60

LISTA DE MAPAS

	Página
Mapa 1 - Cidade de João Pessoa em sua atual configuração	20
Mapa 2 - Localização da Avenida Cruz das Armas cruzando os bairros de Cruz das Armas e Oitizeiro	30
Mapa 3 - Avenida Cruz das Armas	31

LISTA DE PLANTAS

	Página
Planta 1 - João Pessoa e sua configuração em 1960	21
Planta 2 - João Pessoa e sua configuração em 1963	22
Planta 3 - João Pessoa e sua configuração em 1993	23

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1 - Uso e Ocupação do solo da Avenida Cruz das Armas (2011)	53
Tabela 2 - Uso e Ocupação do solo da Avenida Cruz das Armas (Eixo Oeste)	56
Tabela 3 - Uso e Ocupação do solo da Avenida Cruz das Armas (Eixo Leste)	57

LISTA DE ORGANOGRAMAS

	Página
Organograma 1 - Relação transportes e uso do solo	44

LISTA DE GRÁFICOS

	Página
Gráfico 1 - Uso do solo da Avenida Cruz das Armas em 2011	56
Gráfico 2 - Uso do solo do Eixo oeste da Avenida Cruz das Armas em 2011	57
Gráfico 3 - Uso do solo do Eixo leste da Avenida Cruz das Armas em 2011	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNH	Banco Nacional de Habitação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
SEPLAN	Secretária de Planejamento do Município de João Pessoa
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

Sumário

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - A RUA CONTEXTUALIZADA NO ESPAÇO INTRAURBANO	18
1.1 - João Pessoa e as etapas da urbanização	18
1.2 - Definindo e explanando sobre a Rua	23
CAPÍTULO II - AVENIDA CRUZ DAS ARMAS: PROCESSO HISTÓRICO E MUDANÇA NO USO DO SOLO.....	29
2.1 – Avenida Cruz das Armas: Localização e processo histórico.....	29
2.2 - A memória revelando o processo histórico da avenida	33
2.2.1 – A avenida na visão dos moradores e transeuntes.....	34
2.3 - Considerações sobre uso do solo urbano.....	42
CAPÍTULO III – A ATUAL DINÂMICA DO USO DO SOLO DA AVENIDA CRUZ DAS ARMAS.....	45
3.1 - Análise do uso e ocupação na Avenida Cruz das Armas	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Este trabalho de título “A Dinâmica do uso do solo da Avenida Cruz das Armas em João Pessoa - PB” tem como objetivo compreender por que ocorreu e ainda ocorrem transformações no uso do solo na avenida, revelar a modernização ao longo dos anos, porém sempre observando que essa mudança passou a ocorrer em maior intensidade a partir da década de 1980, mas iniciada em 1970 devido à expansão da cidade e com isso a necessidade de suprir a demanda comercial ou de serviços que iam ao longo desse crescimento para o lado sul da cidade.

No espaço urbano podemos encontrar diversos temas para desenvolver trabalhos extremamente interessantes. O espaço intra-urbano, universalmente falando, tem se revelado cada vez mais significativo e fascinante durante o desenrolar dos tempos.

Por não ser possível realizar um trabalho sobre a cidade inteira, por este ser um espaço muito amplo, tivemos que delimitar um espaço menor. A partir de então foi selecionada uma avenida, mas especificamente a Avenida Cruz das Armas, situada na zona sudoeste da cidade de João Pessoa. Esta já havia sido objeto de estudo em outro momento, mas foi pouco explorada, o que deixa questionamentos. Consideremos o seguinte e principal questionamento: Por que a Avenida Cruz das Armas, porque estudar esta avenida?

Primeiro por que não foram encontrados trabalhos sobre a mesma, pelo menos trabalhos construídos e vistos pelo ângulo geográfico, os trabalhos encontrados tratam do bairro de Cruz das Armas e a avenida só aparece no cenário como a via principal do bairro. Segundo, a avenida é um importante corredor viário da cidade, que dá acesso em direção ao interior do Estado e também ao estado de Pernambuco, ou seja, uma das entradas e saídas da cidade e também passagem de alguns bairros da zona sul em direção ao centro. E terceiro a importância da mesma no cotidiano de diversos indivíduos, acesso para afazeres, passeios e agora objeto de estudo desta pesquisa. Observada como uma avenida longa, como acesso a bairros e conjuntos, mas nunca desta forma, nunca como um elemento de investigação.

Para a realização da pesquisa foi indispensável:

- Discutir a definição de Rua e Avenida e analisar esta definição no contexto intra urbano;
- Descrever o processo histórico e com isso a dinâmica do uso do solo da avenida e conseqüentemente do bairro, mas sem entrar em detalhes, já que o que interessa é a própria avenida;

- Apontar as possíveis causas para modernização (transformações) das funções da Avenida Cruz das Armas;
- Observar e relatar, a dinâmica do atual uso do solo da Avenida Cruz das Armas;
- Identificar os diferentes usos do solo da avenida estudada.

Metodologicamente para a execução deste trabalho foi utilizado o método descritivo-reflexivo, no qual apoiamos todo processo de pesquisa. Este método foi escolhido por ser o mais adequado ao tema, onde serão descritos todo processo da pesquisa e em consequência serão analisados e interpretados todos os dados coletados e toda a discussão que será aqui construída. As técnicas utilizadas serão tanto as quantitativas quanto as qualitativas, trabalhos de campo e observação histórica, já que tem como subárea a geografia histórica, que “[...] pode contribuir para o melhor entendimento das formas atuais do espaço de um modo geral, e de suas partes [...]” (BARROS e FERREIRA, 2009).

Foram feitas pesquisas bibliográfica e documental através de livros, relatórios de pesquisa, artigos científicos, monografias, dissertações e teses. Também levantamentos de dados secundários através de sites da internet e/ou realização de uma visita à instituição pública: a Secretária de Planejamento do município de João Pessoa (SEPLAN). Foi realizado trabalho de campo para realização de registro fotográfico e para a coleta de dados empíricos como o levantamento do uso do solo que é de suma importância para realização deste trabalho assim como as entrevistas para coleta de alguns depoimentos sobre a avenida, visões particulares para a melhor compreensão da realidade, devido à escassez de trabalhos sobre a mesma.

No trabalho como um todo foram utilizadas as categorias analíticas geográficas de Espaço e Paisagem. Estas categorias “complementam-se e se opõem” já que a paisagem está inserida no espaço, porém as duas são diferentes. Para Santos (2006, p.39), “O Espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.”.

A Paisagem, como categoria, terá grande importância, pois o que pretendemos aqui é estudar a paisagem e a ocupação urbana (uso do solo).

A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, *no momento atual, uma função atual*, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes

necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual. (SANTOS, 2006, p.67)

A paisagem é tudo aquilo que se encontra no nosso campo de visão, tudo que teve origem no passado, que permanece no presente e que será importante na preparação para o futuro. É sobre isso que Santos (1985, p.49-50) diz:

A paisagem é o resultado cumulativo desses tempos (e do uso de novas técnicas). No entanto, essa acumulação a que chamamos paisagem decorre de adaptações (imposições) verificadas nos níveis regional ou local, não só a diferentes velocidades como também em diferentes direções.

O segundo capítulo tem como foco a Avenida Cruz das Armas e sua importância para a cidade. Será abordado um pouco da história do bairro por este se encontrar intimamente ligado a avenida. Neste capítulo ainda será abordada a modificação no uso do solo com o passar dos anos. Serão utilizados aqui os depoimentos de alguns moradores e ex- moradores das proximidades da mesma para embasar o estudo por não se encontrar muitos documentos sobre a avenida. Entra em cena a categoria Lugar, pois discorreremos sobre um pouco da vivência de moradores e transeuntes do bairro em relação à avenida.

No terceiro e último capítulo será discorrido sobre o uso do solo da avenida e as mudanças que ocorrem de tempos em tempos, onde será analisado o levantamento de uso do solo e as atividades presentes ali.

CAPÍTULO I - A RUA CONTEXTUALIZADA NO ESPAÇO INTRAURBANO

Neste capítulo temos a rua no contexto geral e a rua brasileira e sua definição inserida no espaço intra-urbano de João Pessoa. Mas primeiramente procuramos discorrer, de forma sucinta, sobre a capital paraibana, sua formação e as etapas de sua urbanização que surge aqui para compreender melhor como se deu o surgimento da cidade e como a mesma chegou a sua atual conformação. A partir do passado buscamos o embasamento para a compreensão do presente, porém é de extrema importância destacar que o que pretendemos neste capítulo é falar do espaço urbano de João Pessoa e da rua para estabelecer e fundamentar o real foco deste trabalho e deixar claro que a rua é o elemento basilar de uma cidade, além de ser espaço de transformações.

1.1 - João Pessoa e as etapas da urbanização

Atualmente a cidade de João Pessoa¹ apresenta uma configuração espacial muito diferente de 40 anos atrás e ainda mais do período de sua fundação. Ao longo das décadas a cidade passou por um processo de urbanização que se intensificou na década de 1970, com a construção dos conjuntos habitacionais e surgimento de outros bairros.

Anteriormente era conhecida como Cidade da Parahyba, foi fundada em 1585, às margens do Rio Sanhauá que recebe essa denominação quando o Rio Paraíba recebe no trecho situado entre a cidade de João Pessoa e a cidade de Cabedelo. (MAIA, 2000). Até o século XIX, se encontrava concentrada nos limites do atual Centro Histórico. Conforme Maia (2001) João Pessoa já nasceu como uma cidade - diferentemente de outras cidades brasileiras que nasceram como vila e só depois passaram a ser cidade - possuindo apenas função de atender necessidades administrativas e comerciais. Nasceu uma cidade colonial, assim como muitas outras cidades brasileiras.

O primeiro nome conferido à cidade foi o de Nossa Senhora das Neves, em seguida foi Filipéia (em homenagem ao Rei Felipe II da Espanha que também governava Portugal durante a União Ibérica) e Frederika durante a invasão Holandesa (Já com nome de Parahyba). Esta

¹ A cidade de João Pessoa é a capital do Estado da Paraíba já possuiu diversas denominações diferentes onde a anterior era cidade da Parahyba e apenas em 1930, recebeu a atual denominação em homenagem à João Pessoa que foi o presidente da Paraíba assassinado por João Dantas em 1930.

não tinha condições para se urbanizar, pois a princípio o capital existente era investido na cana de açúcar, que era o cultivo que economicamente mantinha a cidade na época, ou seja, pressupõe-se que o capital era pouco para se realizar intervenções e ao mesmo tempo investi-lo nas plantações da cana e produção do açúcar. Segundo Gonçalves (1999) “os esparsos melhoramentos (pinguelas, estradas e pontes) eram de iniciativa particular e, com exceção dos edifícios religiosos, os demais se apresentavam em estado lastimável.” (p.22)

Hoje a cidade que, segundo o IBGE, possui 211,474 km² tem sua maior parte urbanizada, apesar disso dentro da malha urbana ainda existem subespaços rurais². Mesmo passando pelo processo de urbanização, de forma não tão intensa como a que ocorreu 40 anos atrás, os traços de ruralidade perduraram durante o século XX, a maioria dos habitantes vivia de atividades do campo e vinham do interior para a capital só para veranejar. Os principais incentivos para a urbanização se deram com o progresso da atividade algodoeira e o fim da escravidão. Aos poucos os senhores de engenhos se transformaram em usineiros e as famílias destes passaram a habitar as cidades e a viver nas residências que antes eram temporárias. As antigas residências no engenho se transformaram nas residências temporárias. Com esta mudança do engenho para usina e com a vinda dessas famílias para a capital, surgiu à necessidade de melhorias.

A partir da década de 1920 inicia-se a implantação de equipamentos urbanos – aberturas de ruas, alargamentos de vias, entre outros. Na década de 1930 a vida econômica permanecia no campo, de onde os recursos provinham. (MAIA, 2001). Foi a partir de sítios e fazendas que surgiram muitos dos bairros e conjuntos habitacionais da cidade, a exemplo do Conjunto Habitacional Mangabeira, (este surgiu com a política de construção dos conjuntos habitacionais a partir de 1970, já citada anteriormente) entre outros.

João Pessoa teve seu processo de urbanização iniciado tardiamente, devido a toda dinâmica sócio - econômica estar centrada no campo, apesar da comercialização e da base administrativa estarem na cidade.

Entre as décadas de 1940 e 1950 surgem, à leste, a Avenida Epitácio Pessoa – que foi aberta em 1933, mas só foi calçada e equipada em 1954 - e a sudoeste a Avenida Cruz das Armas, importantes vias de acesso. A primeira partia do centro em direção à orla marítima, já a segunda é via de entrada e saída da cidade, em direção à cidade do Recife –PE. Depois de passar por diversas mudanças ao longo do tempo, a cidade ainda apresentava feições rurais, mas agora bem mais definida em seu traçado e morfologia. Andrade, R. (2004) ilustra muito

² Sátyro discursa sobre estes subespaços rurais em sua tese “Tempos lentos na cidade: Permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa - PB.”.

bem essa situação em que a cidade se encontra ainda ruralizada devido a sua cultura quando diz que “a cidade é um reflexo da sociedade que as forma.” (ANDRADE, R., 2004, p.8).

Depois de 1990 até hoje a cidade ainda continua em crescimento como podemos notar no Mapa 1. Vemos aí a cidade nas suas atuais dimensões, muito diferente da cidade de 6 décadas atrás, mas que possui uma diferença pequena se relacionarmos com sua configuração em 1993.

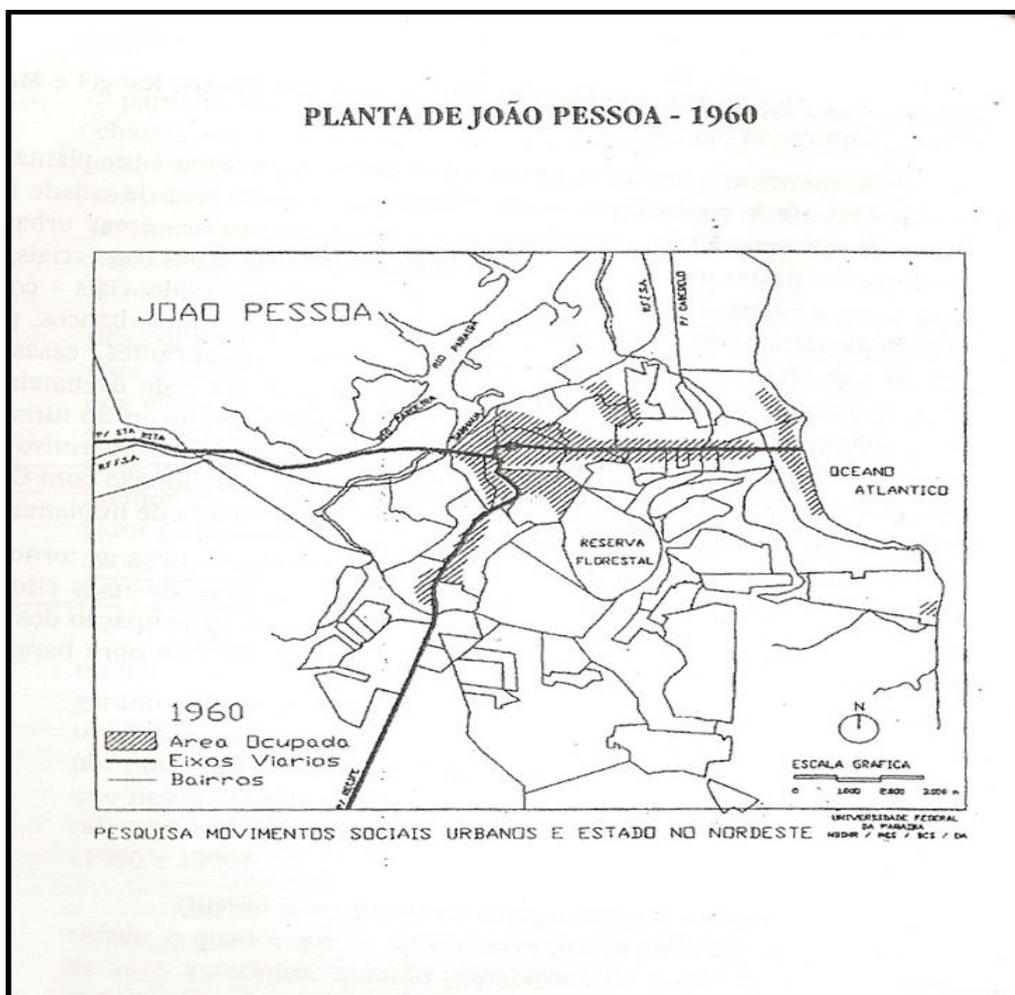


Mapa 1 – Cidade de João Pessoa em sua atual configuração.³
Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa - Adaptado pela autora

Na década de 1960 ocorre à implantação do Distrito Industrial e a cidade recebe auxílio do Banco Nacional de Habitação (BNH) para a construção dos grandes conjuntos habitacionais. Laviere e Laviere (1999) articulam que “em João Pessoa os conjuntos habitacionais passaram a se constituir num elemento chave para a reordenação de sua

³ Disponível em: < <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/jampaemmapas/> > - Acesso em: 26/09/2011

estrutura urbana, ocupando a linha de frente e funcionamento como vetor de direcionamento do crescimento da cidade [...]” (p.43). Para ilustrar este momento na configuração da cidade, observe a planta 1 do período de 1960:

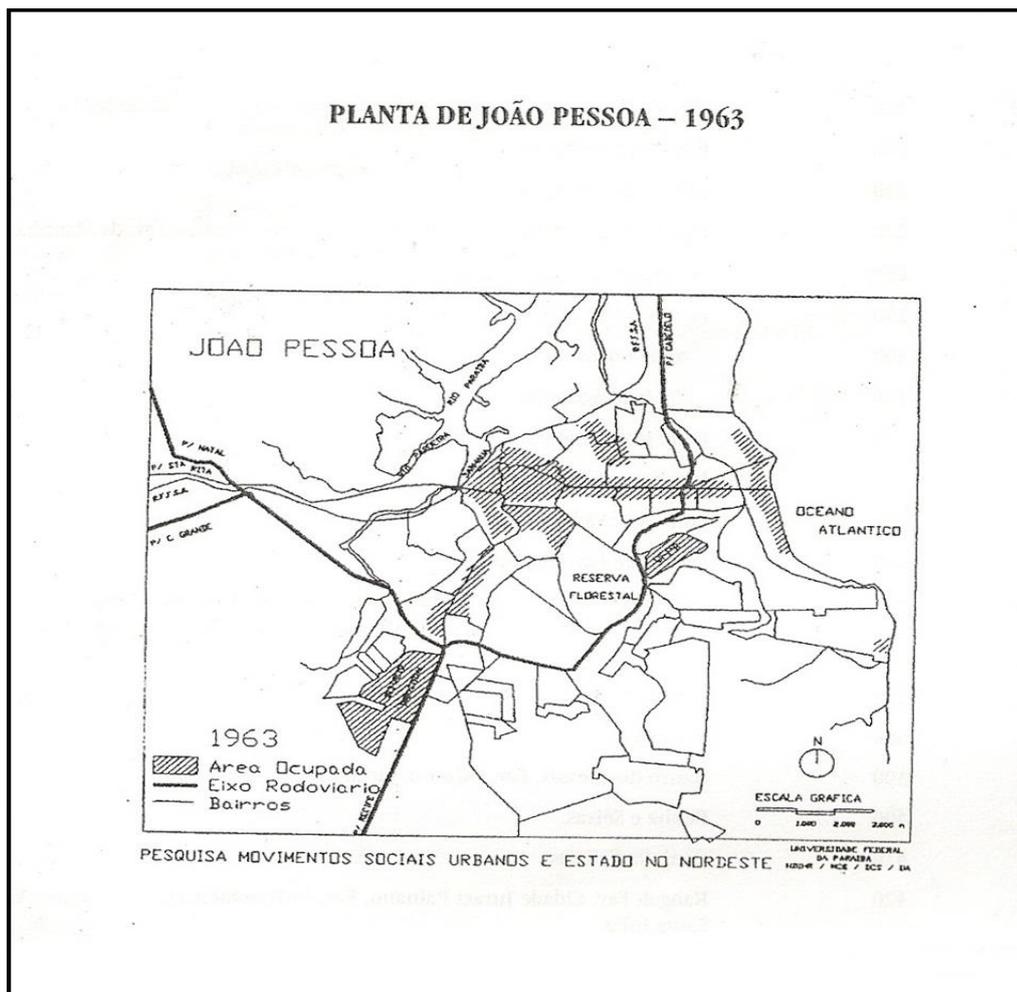


Planta 1 – João Pessoa e sua configuração em 1960.

Fonte: GONÇALVES, Regina Célia et al.,1999. In: A questão urbana na Paraíba.

Observamos aqui o quanto à cidade tinha sua estratificação pouco acentuada se relacionarmos com os dias atuais, e que esta ocupação estava concentrada em torno dos eixos viários, que eram braços da expansão. Eram poucos bairros e principalmente conjuntos habitacionais, que eram pequenos e inexpressivos em seu número de domicílios. Em 1963 foi implantado o Distrito Industrial, já citado, com incentivos da SUDENE e a UFPB com incentivos do MEC. (LAVIERI e LAVIERI, 1999). (Planta 2)

PLANTA DE JOÃO PESSOA – 1963



Planta 2 – João Pessoa e sua configuração em 1963.

Fonte: GONÇALVES, Regina Célia et al.,1999. In: A questão urbana na Paraíba.

Neste momento também ocorre o nascimento de novos bairros e conjuntos habitacionais. Mas é a partir de 1970 que estes conjuntos foram construídos de forma mais intensa. Nesta mesma década, o distrito de Tambaú foi incorporado à cidade de João Pessoa como bairro. A Orla marítima passou a ser uma das mais valorizadas da cidade. Surge aí outro eixo de expansão em direção ao norte, de Cabo Branco e Tambaú para Manaíra e Bessa. De 1960 a 1980 a cidade cresceu numa velocidade muito grande, e com este crescimento as melhorias continuaram sendo implementadas. Na década de 1990 a cidade se encontrava em um estágio muito avançado se compararmos há 30 anos. (Planta 3).

PLANTA DE JOÃO PESSOA – 1993



Planta 3 – João Pessoa e sua configuração em 1993.

Fonte: GONÇALVES, Regina Célia et al.,1999. In: A questão urbana na Paraíba.

Em 1990 a cidade já se possuía uma configuração semelhante à de hoje, só que nesta última década ainda ocorreram algumas mudanças. A malha urbana de João Pessoa atualmente apresenta sua configuração bem estratificada, conseqüentemente o uso do solo também. Áreas abastadas e as áreas mais carentes acentuaram-se e a cidade continua em crescimento. Atualmente o governo criou novos programas para urbanização de comunidades e outros programas habitacionais que visavam ainda mais o progresso.

1.2 - Definindo e explanando sobre a Rua

O espaço segundo Santos (1985) “deve ser considerado como uma totalidade”, (p.5) mas para ser analisado é necessário a divisão em partes para depois reconstruí-lo como um todo. Uma probabilidade de se analisar o espaço seria através de seus elementos. As infraestruturas como caminhos ou ruas entre outros são alguns desses elementos. (SANTOS,

1985).

A definição de rua é fundamental para se entender este estudo. Elemento do mosaico urbano a rua é lugar da coexistência de pessoas e, portanto importante espaço de memórias, a rua é paisagem resultante de diversos períodos de trabalho incorporado.

A rua é parte fundamental da cidade, pois é a partir dela que nasce o bairro e/ou que se forma uma urbe. As ruas possuem diferenças quando comparadas umas com a outras, tanto na forma quanto no uso, porém é vista como elemento primordial na concepção geral de morfologia urbana. Essa afirmação é reforçada por Maia (2007)⁴ quando diz que: “ De simples caminhos mal traçados a largas avenidas, a rua continua sendo uma expressão do espaço urbano”. Estamos em um estudo sobre uma avenida, por isso vamos demonstrar sua importância em relação à rua propriamente dita e em sua terminologia, mas ainda sim será vista como um “tipo de rua”.

Rua e Avenida apresentam diferenças, entretanto temos na rua o principal componente de uma rede, que ligada a outras, sejam estas ruas ou avenidas, são responsáveis pelo traçado e pela morfologia urbana além de dinamizarem a cidade. Ao dizer que a rua é o ponto principal da implantação ou do crescimento de uma cidade, Meyer ainda diz que: “A cidade tem origem e cresce através da produção de uma malha urbana-viária onde a combinação dinâmica dos elementos conjugados – rua/ lote/ atividade – organiza o sistema estrutural e espacial que a urbanização produz.”(MEYER, 1993, p.14). E é a partir das avenidas e das ruas que a cidade não se encontra isolada, a partir delas trocamos informações e bens com o mundo exterior. (SOUZA, M.L., 2007).

A rua é uma via para circulação urbana de pedestres e veículos, de menor extensão e largura que uma Avenida, que é mais larga e a maioria possui duas pistas, além de ser voltada principalmente para a circulação de veículos. Para Meyer (1993, p.14) a rua é considerada “um elemento intrínseco do sistema estrutural inteiramente articulado ao sistema funcional que o processo de urbanização promoveu e ainda promove.” Numa cidade podem existir diversos tipos de ruas e nelas diversos tipos de atividades e usos. Existem as ruas voltadas para pedestres, e as ruas conhecidas como vias expressas que são aquelas voltadas justamente para veículos, ambiente de movimento. Esse tipo de via não possui cruzamentos e visam aliviar e facilitar o tráfego. Os tipos de ruas mais comuns são a rua propriamente dita, a avenida e as vias expressas.

⁴ MAIA, Doralice Sátyro. A Rua e a cidade. In: **Com Ciência**: Revista eletrônica de Jornalismo científico. (Online) n°88, Junho de 2007. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=25&id=277>> [acesso em 09.09.2011]

A Rua, como já foi dito, tanto pode ser vista como espaço de lembrança do cotidiano, de convivência e sobrevivência, de festas, de transformações, do comércio e das construções antigas e recentes como também espaço de circulação de pessoas e de veículos. A morfologia da cidade - e por consequência da rua - se cumpre através de continuidades e descontinuidades. As antigas formas, os momentos históricos de diversos períodos são sobrepostos ou se transformam ou ainda são rompidos, dando início a outros. (CARLOS, 2001). A relação espaço-tempo está presente nas ruas, pois é esta que determina os seus usos. Carlos (2001 apud BARROS e FERREIRA, 2009) ainda destaca que a dimensão temporal é essencial para a compreensão do espaço urbano e consequentemente as partes componentes do mesmo. Ela “não pode ser analisada como um fenômeno pronto e acabado”, porque a configuração da cidade e em consequência a rua se alteram durante o processo histórico.

A rua existe desde a antiguidade como componente determinante da configuração, do desenho da cidade. Esta possuía seu traçado retilíneo. Já na cidade medieval as ruas passaram a ser tortuosas e irregulares, e ainda existem cidades que preservam essas características. Nas cidades brasileiras, em seu início, as ruas se apresentavam tortuosas ou apenas em forma de caminhos que definiam como a cidade se configurava. No período colonial, a maioria das ruas da maior parte das cidades era traçada de acordo com a disposição das edificações. As ruas da cidade de João Pessoa surgiram lentamente, à medida que a cidade teve sua expansão consolidada. A primeira rua, não apresentava (nem apresenta atualmente) um traçado retilíneo, por seguir a topografia irregular da área. A partir dela surgiram outras ruas que também não eram retilíneas e seguiam a partir de edificações como a igreja matriz ou edificações importantes que depois no século XIX passaram a ser os edifícios públicos. No mesmo século foram realizadas modificações e implementações nos núcleos urbanos. Até o século XVIII as casas delimitavam as ruas, ou seja, não tinham calçadas, o que mudou apenas no século seguinte, quando surgiram as posturas urbanas que prescreviam a construção de calçadas, fronteiras e muros.

As ruas até o século XIX eram fétidas, sujas, totalmente insalubres passaram a ser ruas abertas, arejadas, espaços amenos. Sobre isso Andrade, R. (2004, p.32) expõe que:

as ruas da cidade da Parahyba adentraram o século XIX sujas, lamacentas, sem calçamento e com vazios entre os prédios. [...] as ruas eram esburacadas e cheias de entulhos que as pessoas jogavam de suas casas. Como não eram calçadas, as chuvas formavam sulcos na estação chuvosa, dificultando o trânsito de pedestres e veículos de tração animal. E, como os habitantes tinham hábitos rurais, misturavam-se à lama e ao lixo, porcos, galinhas e perus, por exemplo.

No período de 1870 a 1930, foi instituído o Higienismo no Brasil, o qual se trata de “uma série de teorias, normativas, e formulações que dizem respeito à adequação dos espaços aos princípios de salubridade, higienização e embelezamento” (SÁ, 2009). Graças a este movimento foram abertas ruas que seguiam regras impostas por órgãos de administração pública para se evitar ambientes insalubres e propensos à proliferação de doenças, as chamadas “Ruas do código de posturas” (MEYER, 1993, p. 16) recebiam esta denominação justamente por seguir o código de posturas⁵.

Até o final do século XIX, no sentido da vida e do cotidiano dos habitantes, as ruas da Parahyba eram inexpressivas, as pessoas só saíam de casa para seus afazeres ou para as igrejas e sem energia elétrica às portas das residências eram fechadas assim que escurecia. "As ruas das vilas e cidades, quase todas de terra batida, de pouco trânsito, de carroça e animais de transporte e reduzidíssima circulação de pedestre, apenas em dias de feiras, quermesses, festas cívicas ou religiosas apresentavam maior concentração humana." (VERÍSSIMO, 2001 apud SOARES, 2008, p.5).

Frehse (2006) ao falar das ruas da cidade de São Paulo do fim do Império nos faz pensar e com isso constatarmos que coisas que ocorreram em São Paulo também ocorreram em outras cidades brasileiras, inclusive na cidade da Parahyba. Podemos observar esta similaridade do cotidiano das ruas no seguinte fragmento de texto: “A rua era um lugar onde ficavam os setores menos abastados da população – escravos, livres e forros, brasileiros ou imigrantes – e por onde apenas passavam eventualmente outros grupos - os mais abastados.” (FREHSE, 2005, p.33).

Isso só mudou anos depois. Os tempos modernos estavam chegando e se contrapondo ao tradicional. Isso ocorreu em diversos centros urbanos brasileiros, capitais, inclusive na Cidade da Parahyba. Algumas das melhorias realizadas nas ruas das cidades brasileiras que tiveram muita importância para a evolução das mesmas foram o reordenamento do traçado; o parcelamento e o loteamento do solo; a implantação do abastecimento d’água e do saneamento; a instalação de energia elétrica, que abastecia os bondes antes puxados por burros, isso já no século XX. Relacionado às cidades brasileiras:

[...] o progresso representava o ordenamento do espaço urbano e a implantação de serviços e equipamentos objetivando a qualidade de vida da população, e ainda o embelezamento urbano. Isso previa também uma oposição à tradição, ou seja, a todo o passado de aspecto colonial que era tido como atraso. (SOARES, 2008, p.5)

⁵De acordo com o artigo 1º “O código de posturas institui as normas disciplinadoras da higiene pública e privada, do bem estar público, da localização e do funcionamento de estabelecimentos comerciais, industriais e prestadores de serviços, bem como as correspondentes relações jurídicas entre o Poder Público Municipal e os municípios.” (Código de Posturas do Município de João Pessoa, 1995, p. 5) Este funciona juntamente com o código de urbanismo e integra o Plano diretor da cidade.

As ruas principais da cidade tornaram-se a partir deste momento, vias largas, avenidas voltadas a veículos, possuidoras de canteiros arborizados que separam vias, no estilo dos *boulevards* parisienses. As largas avenidas da cidade propagavam a modernidade. Um exemplo importante foi a Avenida João Machado, aberta em 1910, considerada o primeiro *boulevard* da cidade, caracterizado por possuir duas pistas e canteiros arborizados. (Figura1)



**Figura 1 – Avenida João Machado atualmente.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**

As mudanças surgiam em diversos momentos, tudo se transformou em função da crescente urbanização, algumas avenidas que eram voltadas para o pedestre, totalmente residenciais, hoje possuem serviços e comércios, a Avenida Eptácio Pessoa e a Avenida Cruz das Armas são exemplos nítidos deste processo. Duas avenidas arquitetadas obedecendo às determinações do Código de Posturas. Estas avenidas são ainda tidas como ruas caminho, pois são importantes vias de passagens da cidade, vias estas que possibilitam o deslocamento de centenas de pedestres e de veículos de vários portes, onde a Avenida Eptácio Pessoa segue em direção à orla marítima, área mais abastada da cidade. Já a Avenida Cruz das Armas funciona enquanto passagem entre - bairros ou dos bairros da zona sul em direção ao centro. Além disso, esta avenida também serve para aqueles que buscam sair da cidade de João

Pessoa em direção a outros estados ou que pretendem adentrá-la.

Por acreditarmos na importância desta avenida propomos aqui o estudo mais detalhado da mesma, o qual será mais bem descrito no próximo capítulo, onde discorreremos sobre o seu processo histórico de formação e uso e ocupação do solo.

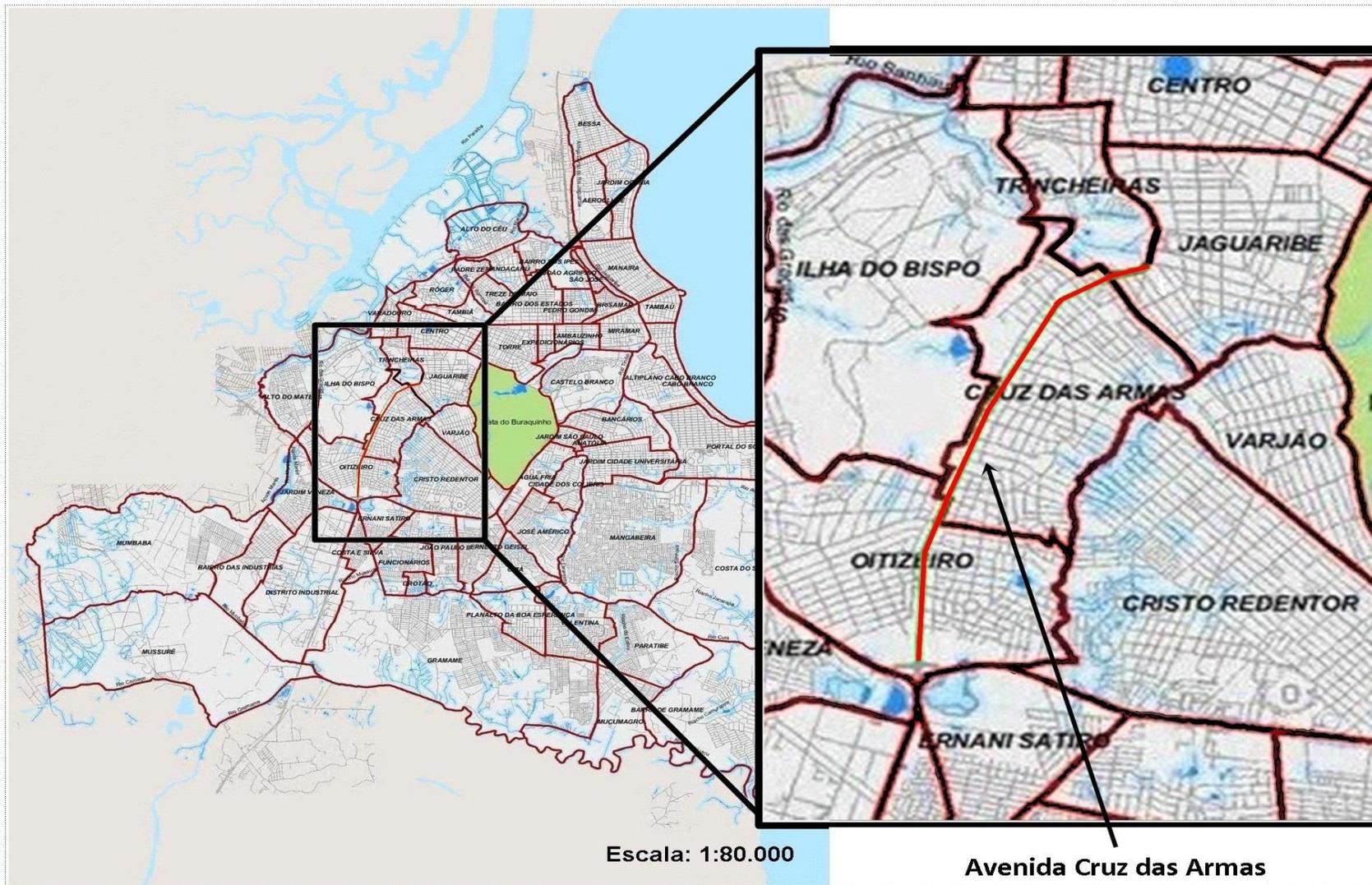
CAPÍTULO II - AVENIDA CRUZ DAS ARMAS: PROCESSO HISTÓRICO E MUDANÇA NO USO DO SOLO

Este capítulo enfatizará o surgimento da Avenida Cruz das Armas, e com ela o bairro de Cruz das Armas. Será descrita sua localização e sua formação histórica, para isso será utilizada a memória como ferramenta essencial neste processo, já que não existem muitos arquivos, documentos e história escrita sobre a mesma. Alguns depoimentos coletados através de entrevistas com pessoas que vivem/viveram por muito tempo nas proximidades da avenida serão importante nessa (re) construção do passado. Partimos do passado até os dias atuais.

2.1 – Avenida Cruz das Armas: Localização e processo histórico

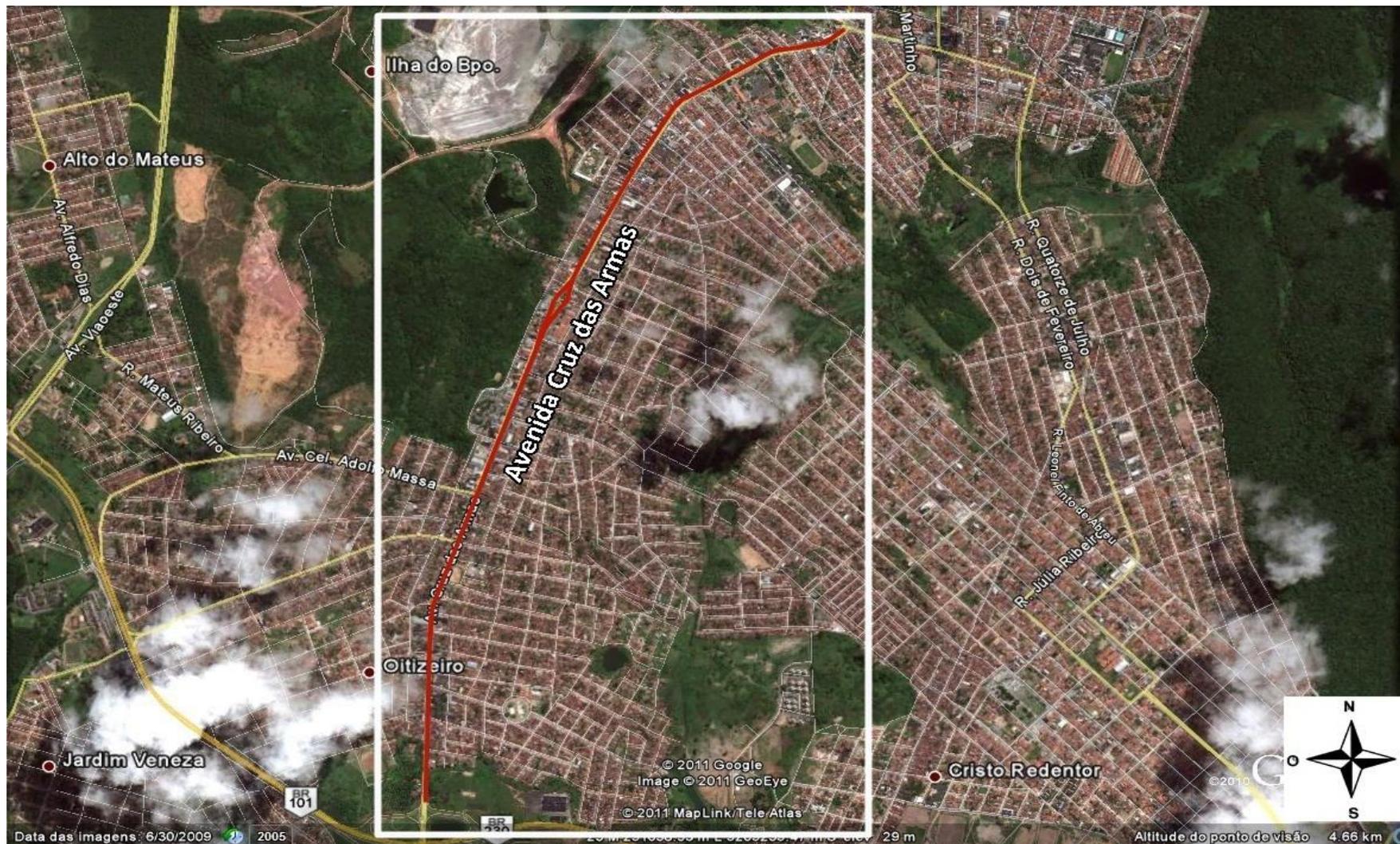
A Avenida Cruz das Armas está localizada na zona sudoeste da cidade de João Pessoa, perpassa o bairro também denominado Cruz das Armas, o bairro de Oitizeiro e um pequeno trecho do bairro de Jaguaribe. Por ter sua formação intrínseca ao bairro é impossível falar da mesma sem citá-lo. O bairro de Cruz das Armas tem como limites: Oitizeiro ao sul; Cristo redentor e Varjão ao leste; Trincheiras a norte; Jaguaribe a nordeste; Ilha do Bispo a oeste. (Mapa 2)

A Avenida Cruz das Armas (Mapa 3) passou a ser vista como uma das avenidas de expansão de João Pessoa juntamente com a Avenida Epitácio Pessoa. Na década de 1960 estas passaram por mudanças de cunho urbanístico. Possui cerca de 3,82 quilômetros de extensão e aproximadamente 1,5 quilômetros de distância em relação ao centro principal da cidade, nas proximidades da “Lagoa”. É uma via comercial e de serviços de suporte rodoviário, com residências também presentes além de estar ligada a Rodovia que dá acesso às cidades de Olinda e Recife. (LEANDRO, 2006). Esta avenida é responsável não somente pelo fluxo de veículos em direção à saída, mas também por suprir algumas necessidades primárias diárias e até mensais dos habitantes das proximidades, pois é nela que se concentram os comércios e serviços dos bairros por ela cruzados.



Mapa 2 – Localização da Avenida Cruz das Armas cruzando os bairros de Cruz das Armas e Oitizeiro

Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa – Adaptado pela autora



Mapa 3 – Avenida Cruz das Armas (em vermelho)

Fonte: Google Earth (2011)

O nome Cruz das Armas nem sempre foi este. O bairro e a avenida possuíam o nome de Cruz das Almas. Conforme Novaes (1937) ocorreu essa modificação porque "o nome - Cruz das Almas - dizem sôa mal e por isso tende a ser substituído pelo nome de Cruz de Armas ou Cruz das Armas". (p. 37). O bairro assim como a avenida sofreu essa mudança no nome, porém esta questão é uma incógnita até hoje.

O bairro de Cruz das Armas é quase tão antigo quanto à época do nascimento da cidade, mas apenas no século XX teve sua confirmação como bairro. Surgiu a partir de um sítio jesuíta, o sítio das Graças, às margens de uma estrada que dava acesso a entrada/saída da cidade. (CHAGAS, 1996 apud SOUZA, A. 2006). A estrada citada era a Avenida Cruz das Armas, ainda sem essa nomenclatura apenas um caminho aberto para passagem.

Novaes (1937) em seu artigo sobre a grafia do nome do bairro cita a estrada que mais tarde vem a ser a avenida nesta passagem do texto, ainda denominada Cruz das Almas: “No início do vigente regimen republicano, existia o quarteirão de n. 33, estendendo-se dos Dois Caminhos a Alagôa Grande, e dentro dessa extensão territorial ficava a estrada da Cruz das Almas, assim conhecida até a ladeira de Oitizeiro.” (p.37, grifo nosso).

O autor diz ainda que o nome da “estrada da Cruz das Almas” não existia em 1709, remonta a 1803 ou 1763 (NOVAES, 1937). Esta estrada era a única passagem antes da construção da ponte do Sanhauá, ainda sim continuou sendo a principal. Com o passar dos anos é que ocorreram mudanças e melhorias na mesma.

Na atual área do bairro havia um cruzeiro às margens da estrada, daí o vocábulo “Cruz”. O vocábulo “Almas” é algo referente aos escravos fugidos, que as margens do rio Jaguaribe criaram pequenos quilombos.

O sítio da Graça era o sítio mais antigo, porém existiram outros sítios nas proximidades, nas áreas que hoje se encontra o bairro de Cruz das Armas. Os principais situados na área do bairro eram o sítio da Cruz das Almas e o Sítio da Graça. O sítio Cruz das Almas possuía diversas habitações de diversos proprietários. Com o tempo os sítios deram origem ao bairro. O bairro não cresceu muito para a direção oeste onde está localizada uma área particular pertencente à empresa Cimepar/CIMPOR conhecida como fazenda da Graça, que antes era denominada sítio da graça, possuía um cruzeiro, que já foi citado, nas imediações de uma antiga capela jesuíta hoje revitalizada e que é um patrimônio histórico tombado pelo IPHAN. Acreditamos que esta área seria apenas uma parte do sítio já que nos artigos que foram analisados falam que o bairro, ou melhor, o anteriormente povoado de Cruz das Almas surgiu a partir do mesmo.

A Avenida Cruz das Armas está ligada a outras que tem seu nascimento no centro da

cidade e com a passagem do tempo deu origem a atual rede viária. Observamos a ligação da citada avenida com a Avenida João da Mata que é ligada a Rua das Trincheiras. Isso só nos faz ter certeza que Cruz das Armas é realmente uma avenida caminho e via de expansão. Primeiramente como caminho de terra onde só passavam pedestres e carroças, depois bondes puxados a burros, após isso os bondes elétricos e por fim os automóveis e ônibus, alguns ao mesmo tempo em que outros.

2.2 - A memória revelando o processo histórico da avenida

A Avenida Cruz das Armas é muito pouco descrita, pois são escassos os trabalhos sobre a mesma. Para suprir essa falta de documentos será necessário nos apoiarmos nas lembranças, na memória, na história contada por moradores e ex-moradores dos bairros de Cruz das armas e/ou do Bairro de Oitizeiro. Foram coletados alguns depoimentos através de um roteiro de entrevistas semi-estruturadas (Ver Apêndice) que tornou mais fácil compreendê-la e assim foi mais fácil observar cada um dos trechos - esses bem longos - que perpassam cada um dos bairros.

Aqui a memória, história do passado e do presente e a história oral estão intrínsecas a este estudo, já que foram necessárias para a fundamentação deste. Segundo Erickson (apud Bringuier, 1977; Le Goff, 1996, p. 220) “O passado aparece reconstruído em função do presente, da mesma forma que o presente é explicado em função do passado.” Ou seja, para se entender o presente é necessário reconstruir o passado. Outra maneira de dizer isso é quando Philip Abrams (1972 apud Le Goff 1996, p.222) expõe que “O essencial não era conhecer o passado, mas fazer uma idéia dele, da qual nos pudéssemos servir como termo de comparação para compreender o presente”.

Então buscamos entender o presente, como a avenida foi transformada durante as décadas. Transformações estas de cunho estrutural. O passado sempre está presente nos processos atuais, sempre é possível se encontrar resquícios de um passado. Também acontecem as mudanças e inovações, porém essas acontecem com base no passado, seja a favor do passado ou contra, na tentativa de alterar o que já se encontra superado. Para Le Goff (1996, p.203) “A maior parte das sociedades considera o passado como modelo do presente. Nessa devoção pelo passado há, no entanto, fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança.”.

Apesar da dificuldade para realizar as entrevistas, os depoimentos coletados foram

interessantes, no processo foram relatados fatos e descrições do cotidiano e de como era a paisagem de tempos passados. Matos e Pêsoa (2009) afirmam isso quando dizem que “A história oral, também denominada de história de vida ou relato de vida, tem por finalidade explorar com profundidade informações do entrevistado. Está ligada a experiência de vida ou uma retrospectiva de um acontecimento.” (p.289).

2.2.1 – A avenida na visão dos moradores e transeuntes

Não se fez necessário muitos depoimentos já que os coletados já supriam o que foi preciso. Todos dizem o mesmo, algum acrescentam maiores detalhes, o que só nos prova à veracidade do que foi dito. Foram coletados alguns depoimentos que focalizam o trecho compreendido pelo bairro de Cruz das Armas e outros que compreendem o trecho abrangido por Cruz das Armas.

A Avenida Cruz das Armas antigamente possuía poucos recursos. Sua infraestrutura era precária assim como o bairro localizado na periferia. A senhora Teresinha que vive nas proximidades da avenida, no bairro de Oitizeiro desde a infância, falou sobre a avenida e disse que notou muitas mudanças. “Era rua de barro, a avenida principal que hoje é a Avenida Cruz das Armas. Era chã de Oitizeiro.” (Senhora Teresinha).

Outra senhora chamada Maria também do bairro de Oitizeiro, disse o mesmo e ainda acrescentou alguns detalhes:

“Ali não era calçada, era no barro mesmo, a gente tinha uma vendinha, comprava a dona Deda que era lá na frente, (na avenida) naquele lugar do depósito que abriu, era uma farmacinha...” (Senhora Maria, com modificação)

Chã de Oitizeiro era o trecho que está situado nas proximidades da ladeira de Oitizeiro, acreditamos ser a área atualmente conhecida como “baixada”. Os moradores das proximidades, dos arredores, de dentro do bairro costumam chamar a avenida popularmente de “rua da frente” ou “rua principal”.

Anteriormente já foi citado que como via de passagem, a estrada era caminho principal para entrada/saída da cidade, e por ela passavam os ônibus que iam em direção à cidade de Recife. Em seu relato à senhora Maria de Lourdes, que nasceu e mora numa residência situada na avenida, falou sobre as mudanças por ela percebidas e sobre a questão dos ônibus que passavam pela mesma, até certo momento.

“De primeiro era por aqui que os ônibus de Recife passavam, só que agora vai pela BR, por trás... pela via oeste, e de primeiro a gente, às vezes, até pegava os ônibus aqui, quem queria ir pra Recife, tendo passagem, podia pegar por aqui mesmo.”
(D. Maria de Lourdes)

Outro trecho da avenida que corta o bairro de Cruz das Armas é mais antigo e foi o primeiro a receber as inovações e melhorias. Em 1926 foi inaugurada a linha de bonde elétrico até o bairro de Cruz das Armas que passava justamente sobre a avenida (OLIVEIRA, 2006, p.67). A senhora Marlene, moradora do bairro de Cruz das Armas desde que nasceu, disse que viu algumas das inovações e modificações ocorridas na avenida, sobre isso ela falou: “ah minha filha, no tempo que era menina essa rua era diferente, essa rua no tempo que eu era menina tinha até bonde [...] oxe cansei de andar de bonde pra ir pra a casa da minha avó em Jaguaribe.” (Senhora Marlene)

Segundo Oliveira (2006) no Governo de Oswaldo Trigueiro (1947-1951) a Avenida Cruz das Armas foi pavimentada numa extensão de 1.400m. Mesmo assim, a intervenção urbanística foi muito módica, pois a via tinha 4,0m de largura e as calçadas 3,50m. Ainda não havia sido duplicada.

Sobre o calçamento ela ainda fala: “Mulher, ela tinha, mas não era muito assim não, era outro tipo de calçamento”. (Senhora Marlene) Na época já havia ocorrido à intervenção, pois pela idade da senhora que relatou o fato, essa interferência ocorreu antes da lembrança relatada. Já foi citado anteriormente que a avenida possuía calçamento de barro, a época que a Senhora Teresinha se refere é um pouco mais antigo e também refere-se ao trecho compreendido pelo Oitizeiro que teve uma modificação mais recente que no trecho do bairro de Cruz das Armas. Essa intervenção do governo não prestigiou a avenida inteira e só com mais algum tempo é que ela foi totalmente pavimentada e depois asfaltada e duplicada.

Sobre as residências presentes na mesma, foi constatada a presença de pequenas casas simples de alvenaria ou de taipa e palha. No trecho compreendido por Oitizeiro as casas eram em sua maioria de taipa. A senhora Teresinha nos falou ainda que “Tinha pouca casa, era casa de palha, umas casinhas pequenas, era assim [...]”.

Já no trecho que abarca o bairro de Cruz das Armas, as casas eram casas simples e casa de taipa em sua grande maioria, mas também existiam casas de alvenaria, mas essas em pouca quantidade e mais recentes.

A senhora Josélia, ex-moradora do bairro de Cruz das Armas também falou das residências em seu relato, e acrescentou ainda que:

“houve muitas mudanças... as casas? Muitas eram de taipa e também de palha. Os meios de transporte eram carros, ônibus e bondes, sendo que os ônibus vieram depois do bonde, apesar de terem circulado na mesma época também. A avenida era calçada de paralelepípedo [...] Os ônibus de Recife e também ônibus intra-urbanos circulavam pela avenida.” (Senhora Josélia).

O senhor João outro ex-morador, mas que viveu durante 19 anos no bairro de Cruz das Armas nos relatou que viu mudanças significativas na avenida. “Ah, a avenida, era uma avenida única, não tinha divisão de vias, e era em calçamento, sem asfalto.”

Nos outros depoimentos foram ditas as mesmas palavras. Isso nos faz pensar e comparar Cruz das Armas com as outras avenidas espalhadas pela cidade. A Avenida João Machado, assim como a Avenida Epitácio Pessoa, possuíam apenas grandes casarões de fazendeiros e usineiros, pessoas distintas vindas do interior a fim de “fincar raízes” na capital que se modernizava, uma maneira de seguir a tendência das outras cidades espalhadas pelo Brasil, dos novos tempos que estavam chegando. Após isso na década de 70 surgiram mais casas de alvenaria em substituição as casas de taipa. As casas de alvenaria já existentes na avenida em décadas passadas, hoje coexistem com as mais recentes. Isso é nítido quando observamos as estruturas de algumas delas. (Figura 2)



**Figura 2 - Residências de épocas diferentes dividem o espaço.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**

Os estabelecimentos comerciais da avenida eram em sua grande maioria de pequeno porte ou armazéns para venda de produtos aos pequenos comerciantes. O senhor José, morador há 40 anos das proximidades da avenida nos revelou que não havia nada de comércio como os de hoje. “Há 40 anos não tinha nada, só barracas, aquela rua mudou bastante.”

Já a senhora Teresinha revelou mais que o senhor anteriormente entrevistado, ela nos disse tudo o que foi lembrado no momento: “Lá na rua da frente, lá na principal, tinha uma padariazinha, tinha um negócio assim, de vendas, chamava mercearia, né? [...] A feira era na baixa de Oitizeiro e tinha aqueles barzinhos”.

Ela se refere à feira de Oitizeiro que existe há muitos anos, só que o mercado de Oitizeiro existe há 39 anos (1972), ou seja, mais recente que a feira. Vale salientar que a atividade comercial surgiu aos poucos, e se intensificou nos anos 50 com a expansão urbana que houve na cidade, a avenida se tornou uma das importantes vias da cidade, tanto como rede viária como de suporte para necessidades diárias.

A senhora Maria de Lourdes nos revelou que assistiu a transformação de algumas residências em comércio e isso é algo muito nítido de se observar. Observamos que muitas residências sofreram e sofrem alterações em sua estrutura para abrigarem um comércio, serviço ou outra função que não só de residência.

“Era tudo casa de família, e agora tudo, a maioria, é comércio. Foi uma mudança grande. Tinha Dona Deda, muito antiga, tinha mercearia, né? Era uma dessas mercearias que tinha de tudo. Aí depois fez supermercado. Depois ela dividiu, aí era um supermercadinho e também vendia em grosso” (D. Maria de Lourdes)

E ainda complementamos com outro relato sobre o comércio na avenida

“Existiam poucos comércio [...] naquela época só tinha Dona Deda, ela tinha um armazém, armazém Dona Deda” (Dona Maria).

“Algumas lojinhas, tinha poucas, pouca, mas tinha, era mais residências, tinha comércio, mas eram mais residências. Tinha mercado público, antigamente não tinha supermercado, não tinha esses mercadinhos assim, era mais feira, mercado público e mercearias” (Senhora Marlene).

O mercado público de Cruz das Armas é mais antigo que o mercado público de Oitizeiro, data de 1963, ou seja, ele tem 48 anos, nove anos de diferença um do outro. (Figura 3). Porém o mercado de Oitizeiro junto à feira, ao menos atualmente, atrai mais pessoas por possuir uma maior variedade em seus produtos. (Figuras 4 e 5)



**Figura 3 – Mercado público de Cruz das Armas Sindolpho Freire. Em fase de inicio de reformas.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**



**Figuras 4 e 5 - Mercado público de Oitizeiro e Feira de Oitizeiro.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**

Outras edificações que não são nem residências, nem comércios, nem serviços, são as áreas livres ou de lazer, como praças e os clubes antigos como o clube internacional e “a portuguesa” que é clube de esportistas amadores. Há também a igreja católica e as escolas pertencentes ao governo e ao município, o conhecido “quartel do 15” ou 15º batalhão de infantaria motorizado do exército brasileiro ou Batalhão Vidal de Negreiros que já existia em 1930 com outro nome, o antigo quartel do 22º B.C. (Figuras 6 e 7) e o cemitério.

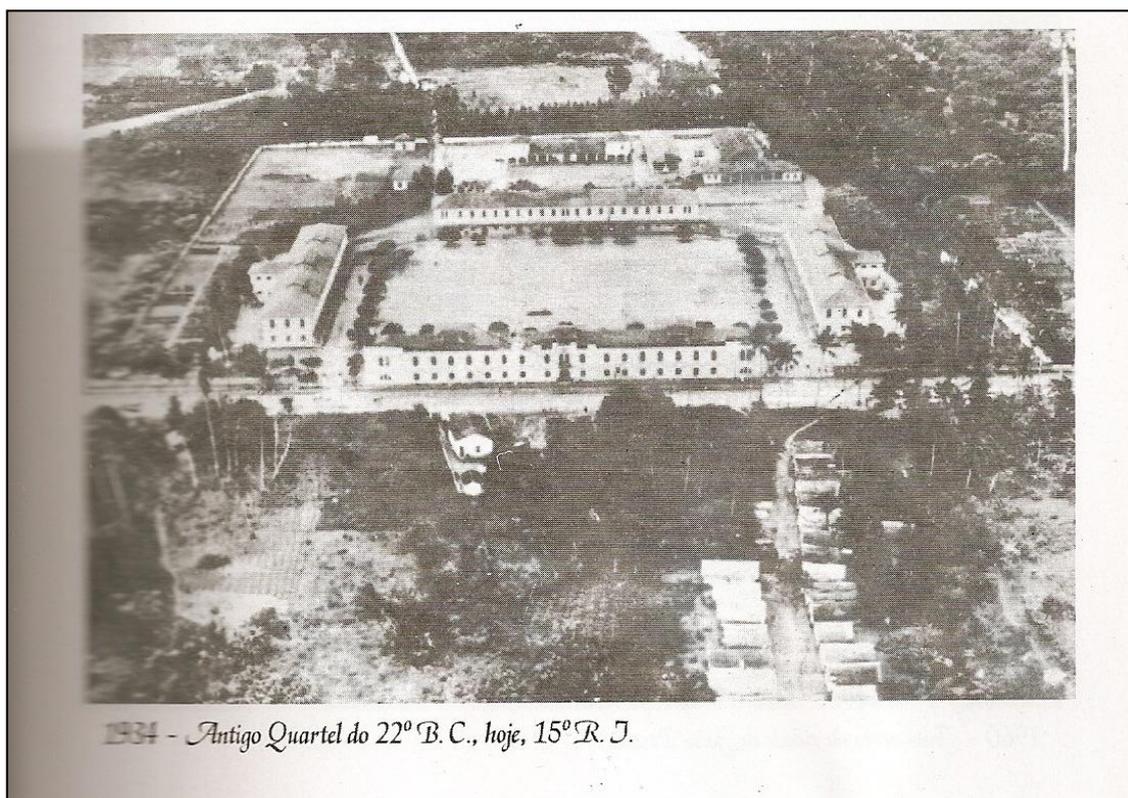


Figura 6 - Antigo Quartel 22º B.C.. Atual 15º Batalhão de Infantaria Motorizado
Fonte: STUCKERT FILHO, Gilberto Lyra. In: Paraíba: Capital em fotos. João Pessoa: F & A, 2004.



Figura 7 – 15º Batalhão de Infantaria Motorizado ou Batalhão Vidal de Negreiros
Autoria: Cristiane Dias (2011)

Sobre isso e outros detalhes das edificações destinadas ao lazer:

“Tinham dois cinemas na época lá, o São José e o Glória, uma ali perto do 15 e o outro perto da Igreja [...] Tinha o grande clube, o Clube internacional de Cruz das Armas também.”
(Senhor João)

Também existiam e ainda existem duas praças situadas na avenida a Praça Lavanier Wanderley que se encontra em estado de abandono e a Praça Simões Leal conhecida popularmente por Bela Vista. As escolas mais conhecidas da avenida são a Escola Estadual Castro Pinto de ensino fundamental e o Papa Paulo VI de ensino fundamental e médio que situa-se numa área antes ocupada por duas escolas, o extinto José Américo de Almeida e o próprio Papa Paulo VI, o primeiro “incorporado” ao segundo. Ainda existe a Igreja católica São José Operário que foi construída em 1959 (Figura 8) e o já referido Cemitério São José (Figura 9) que também está presente na avenida há muitos anos. Essa visão da avenida é de, aproximadamente, 1965 em diante. Um importante fato sobre a avenida é que no mês de novembro era realizada uma festa organizada pela Igreja: A festa das Hortênsias, esta com o passar do tempo perdeu o prestígio e já não mais existe.



Figura 8 - Igreja São José Operário
Autoria: Cristiane Dias (2011)



Figura 9 – Cemitério São José
Autoria: Cristiane Dias (2012)

2.3 - Considerações sobre uso do solo urbano

Como já foi mencionado, o Brasil passou por um intenso crescimento urbano na década de 1970 neste meio tempo ocorreu uma intensa ocupação desordenada do solo. Esta ocupação desordenada ocorreu ao mesmo tempo em que apareciam documentos legais para disciplinar o uso do solo urbano. (BATISTA e DIAS, 2008).

Internamente, a cidade é representada por diversos usos. Estes usos e a distribuição espacial das funções são determinados ou reconhecidos pelos órgãos responsáveis, o Estado e a prefeitura com auxílio dos instrumentos legais para sua ordenação entre os quais o Estatuto das Cidades e o Plano Diretor são os mais importantes. O Estatuto das Cidades é a lei que “estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo [...]” (Estatuto das Cidades, 2001, Art. 1º parágrafo único) e “a ordenação e controle do uso do solo, de forma a evitar: a) a utilização inadequada dos imóveis urbanos; b) a proximidade de usos incompatíveis ou inconvenientes; c) o parcelamento do solo, a edificação ou o uso excessivos ou inadequados em relação à

infraestrutura urbana;” (Estatuto das Cidades, 2001, Art. 2º, item VI). Já o Plano Diretor é “considerado instrumento estratégico para orientar o desempenho dos agentes públicos e privados na produção e gestão do espaço urbano.” (Plano Diretor, 2009, Art. 1º).

Mesmo que o Estado exerça a regulamentação do uso do solo, muitas vezes estes usos são modificados por outros agentes sociais – entre os quais estão os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, os grupos sociais excluídos (CÔRREA, 1995) - fazendo com que instalem-se novas atividades ali, oferecendo aquela área um novo uso. Em grande parte das vezes, estes usos já existem, são criados pelos próprios habitantes da área ou proximidades e/ou também por alguns dos agentes sociais já citados, a legislação apenas reconhece o que já existe. Guimarães (2004, apud MASCARENHAS, 2008, p.86) expõe que

“o uso do solo é um termo usado pelo menos em três maneiras distintas: Na distribuição espacial das funções da cidade: áreas residenciais, industriais, comerciais e locais para instituições e lazer; Configuração espacial de atividades e instituições no contexto urbano, e os equipamentos físicos para acomodá-los; Sistema de valor (preferência e valor econômico) que as pessoas atribuem às atividades espaciais e em consequência à configuração espacial do uso que daí resulta.”

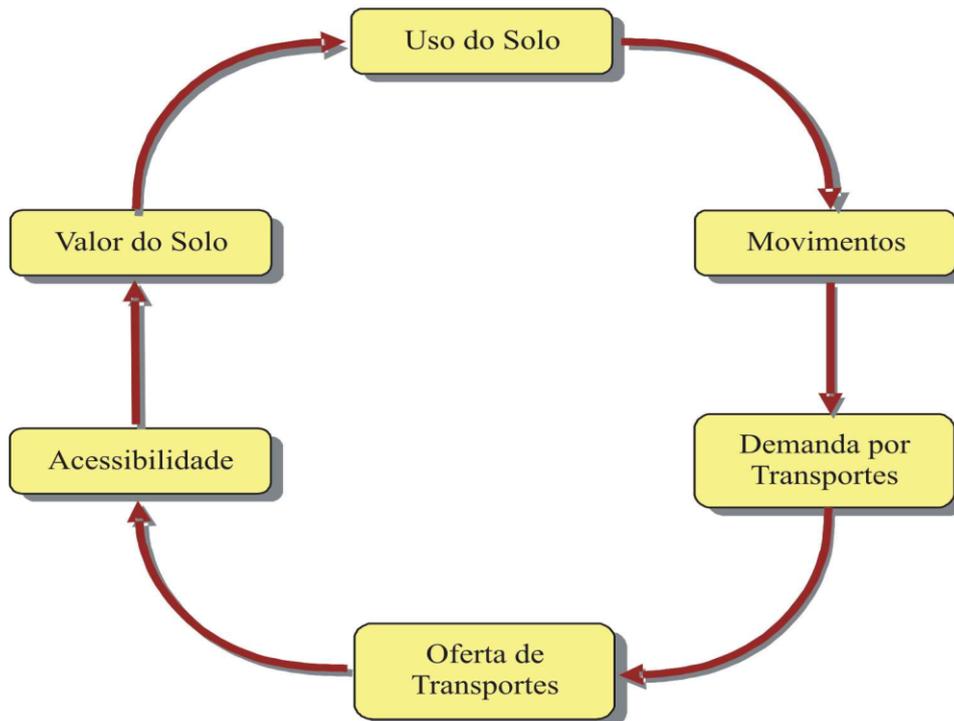
Uma área antes residencial pode ser transformada em uma área comercial, se houver condições e elementos propícios para esta mudança. A instalação de grandes equipamentos urbanos, o sistema viário, os transportes e até a renda da população são motores para auxiliar modificações. Essa questão da renda é no sentido de, por exemplo, um indivíduo que abre um pequeno comércio como meio para subsistência.

Segundo Oliveira (2006) o transporte é um dos principais impulsionadores do crescimento urbano que atua junto com o zoneamento do uso do solo e a densidade urbana (uso e ocupação).

Essa questão ainda é ressaltada por Beaujeu-Garnier (2000, p.180-181 apud GONÇALVES, T.M., 2007, p. 27): “Os transportes influenciam no conjunto das atividades humanas pelo seu traçado e equipamento. Nenhum outro elemento desempenha papel mais determinante na cidade”.

A questão de acessibilidade esta intimamente ligada à atratividade. Deve haver condições de acesso através de uma estrutura bem executada para que estes transportes possam se deslocar com facilidade, isso promove a instalação de aparelhos e equipamentos que auxiliam na origem de um determinado uso, de acordo com os usuários da área.

O organograma ilustra essa da relação dos transportes com o uso do solo através de um ciclo. O uso do solo é definido pelas atividades ali exercidas, movimento ou deslocamentos de pessoas e cargas que exige mais transportes, estes por sua vez que são oferecidos para aumentar a acessibilidade. Com isso o valor do uso muda e consequentemente o uso também. (OLIVEIRA, 2006)



Organograma 1 - Relação transportes e uso do solo
Fonte: OLIVEIRA, 2006

A prefeitura em seu plano de zoneamento do uso do solo divide a cidade em áreas, ou melhor, em zonas específicas de acordo com as atividades ali exercidas. Áreas já determinadas pela sociedade e áreas que serão determinadas pela prefeitura ou pelo governo.

Após ver algumas considerações importantes para entender melhor o uso do solo, seguimos para o próximo capítulo onde será abordada a questão do uso do solo da Avenida Cruz das Armas atual, seu uso observado em detalhes no ano de 2011, transformações ocorridas e atividades exercidas durante o mesmo.

CAPÍTULO III – A ATUAL DINÂMICA DO USO DO SOLO DA AVENIDA CRUZ DAS ARMAS

Nas mais diversas avenidas espalhadas não só por João Pessoa ou pela Paraíba, mas também pelo Brasil, ocorrem mudanças no uso do solo. Cada avenida, independente de onde esteja localizada, possui suas particularidades, uma destas seria ter em seu solo um único ou diversos tipos de usos. Muitas possuem apenas residências, outras são apenas comerciais ou também podem ser mistas, com residências e comércios presentes em sua extensão. Como foi citado anteriormente, em 1970 a cidade passou por uma intensa expansão que fez o bairro de Cruz das Armas crescer e se tornar um dos bairros mais populosos da cidade. Sua avenida principal também conhecida pelo mesmo nome teve sua ocupação e uso intensificado. Conforme Nascimento (1997) os primeiros estabelecimentos comerciais, as pequenas mercearias, assim como as padarias, bares, armarinhos entre outros surgiram devido ao crescimento desordenado e espontâneo. O comércio informal também está presente na avenida, em forma de fiteiros e quiosques em frente às residências ou de estabelecimentos. A atividade comercial propriamente dita veio surgir no final da década de 50 e começo de 1960, antes eram apenas residências e terrenos vazios.

Neste capítulo falaremos do atual uso do solo, assim como das transformações que ocorreram a partir de 1970. Serão analisados cada eixo da avenida e as atividades presentes na mesma.

3.1 - Análise do uso e ocupação na Avenida Cruz das Armas

Importante avenida da cidade de João Pessoa, a Cruz das Armas tinha e ainda tem a função de uma das principais saída e entrada da cidade, por onde passam diversas pessoas e veículos. É muito extensa e passa por três bairros da cidade - os bairros de Cruz das Armas e Oitizeiro e pequeno trecho do bairro de Jaguaribe, onde diversas atividades são exercidas em toda sua extensão. Para melhor entender a dinâmica do uso e ocupação do solo desta avenida foram feitos dois procedimentos imprescindíveis, o primeiro foi o levantamento do uso do solo que fundamentará o estudo e o segundo a fotografia da realidade observada.

A Avenida Cruz das Armas como já foi dito possuía casas de barro e de palha, e armazéns no trecho que corta o bairro de Oitizeiro, já no trecho que corta o bairro de Cruz das Armas, residências mais antigas, algumas já de alvenaria, casas simples e algumas poucas

edificações que possuem dois pavimentos onde o térreo servia de comércio (ou armazéns) e pavimento superior era um serviço. Estas se encontravam apenas no trecho de comércio e apenas do eixo oeste da avenida.



**Figura 10 – Início da Avenida Cruz das Armas. Trecho do Bairro de Jaguaribe.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**



**Figura 11 – Final da Avenida Cruz das Armas. Em 2º plano é possível ver o viaduto Governador Ivan Bichara.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**

Na década de 1960 a avenida tinha seu uso do solo predominantemente residencial, eram poucos os estabelecimentos comerciais apenas no final da década de 1970 e início de 1980 é que realmente vão se instalar os comércios e serviços. Hoje muitas das residências foram transformadas em comércios, foram remodeladas para esse fim ou divididas em boxes/salas para comércios e/ou serviços, ou ainda uma residência com um box.

Muitos dos comércios e serviços da avenida são pertencentes aos moradores dos bairros de Cruz das Armas e Oitizeiro, mas também estão presentes os grandes comércios, como lojas e supermercados e também há presença das agências bancárias.

A Avenida se apresenta da seguinte forma: comércios e/ ou serviços em meio a residências, porém há ainda trechos de residências intercaladas por comércios e serviços, onde fica evidente a centralização comercial.

A modificação do uso do solo aconteceu pelo motivo da avenida ser via de passagem de pessoas, de ônibus de diversas linhas com itinerário para diversos bairros, mas principalmente para suprir as necessidades da população que vivem nos bairros que esta atravessa. Algumas residências passaram a ser comércios, alguns dos grandes comércios que se encontram hoje na avenida, são filiais de estabelecimentos encontrados em outro(s) ponto(s) da cidade, muitos encontrados com a matriz localizada no centro, isso faz com que

diminua as idas dos moradores dos bairros próximos e do bairro de Cruz das Armas ao centro, pois na mesma são encontrados os estabelecimentos que possuem os bens indispensáveis para suprir necessidades rotineiras.

Ainda sim o comércio local não pode ser considerado um subcentro. É um núcleo secundário, mas não um subcentro. Ainda não é possível encontrar alguns bens. Para nós, hipoteticamente, é um comércio de bairro em estágio avançado, que supre alguns bairros próximos em bens diários para necessidades. Subcentro são aquelas áreas que surgem quando uma cidade cresce, as distâncias em relação ao centro aumentam, e muitas vezes por que o centro original não consegue suprir sozinho as demandas por bens de consumo da cidade como um todo. (SOUZA, 2007). Um subcentro é um núcleo secundário, mas nem todo núcleo secundário é um subcentro. Acreditamos que o comércio ainda não seja maior pela proximidade com o centro onde se concentra a maior parte dos comércios e serviços da cidade. É possível chegar ao centro em 15 minutos ⁶.

Ainda Reis (2007, apud QUEIROZ, 2009) diz que:

Subcentro e núcleos secundários de comércio e serviços são, ambos, frutos do processo de descentralização. Os núcleos secundários variam quanto à função e a forma, podendo se manifestar através de eixos comerciais; áreas especializadas ou subcentros de comércio e serviços submetidos à supremacia do CBD e compondo uma rede hierarquizada de localidades centrais na escala intra-urbana. Todas as formas derivadas do processo de descentralização são consideradas núcleos secundários, pois sua gênese é posterior à *formação* da Área Central. Do exposto, está claro que todo subcentro é necessariamente, do ponto de vista histórico-genético da produção do espaço urbano, um núcleo secundário de comércio e serviços; por outro lado, nem todo núcleo secundário é necessariamente um subcentro de comércio e serviços. (REIS, 2007, p. 10).

O levantamento do uso do solo foi realizado em maio/junho de 2011 para contabilizar a todas as atividades realizadas na avenida. Como foi dito por Soares (2007/2008): “O levantamento das edificações trata-se de uma atividade com o intuito de caracterizar o atual uso do solo da rua.” Foram verificadas todas as edificações dos dois lados da avenida que aqui serão chamados de eixo leste e eixo oeste e classificados em usos de diversos tipos como: Residencial, Comercial, Comércio e Serviço, Serviços e Outros. Foram verificadas ainda a presença de pequenos comércios como fiteiros e quiosques situados nas calçadas ou em frente a algumas residências.

Atualmente a avenida tem seu uso do solo bem diversificado. Os tipos de uso presentes na avenida são o comercial, serviços e residencial, o que está na frente o uso

⁶ Uma estimativa de quinze minutos da primeira parada de ônibus situada na avenida e levando em consideração as paradas no caminho.

comercial.

A categoria *Outros* aqui considerados são os que não se encaixam nas categorias residências, comércios, e serviços. Os comércios com residência são contabilizados duas vezes uma para comércio e uma para residência o mesmo foi feito com o caso dos serviços. Só não foi feito o mesmo no caso dos comércios e serviços juntos. Na categoria *Outros* estão inseridos as áreas de lazer e áreas livres, ruínas, terrenos vazios, edificações fechadas, em reforma, em construção, igrejas e tudo que não tem ligação com residências, comércios e serviços.

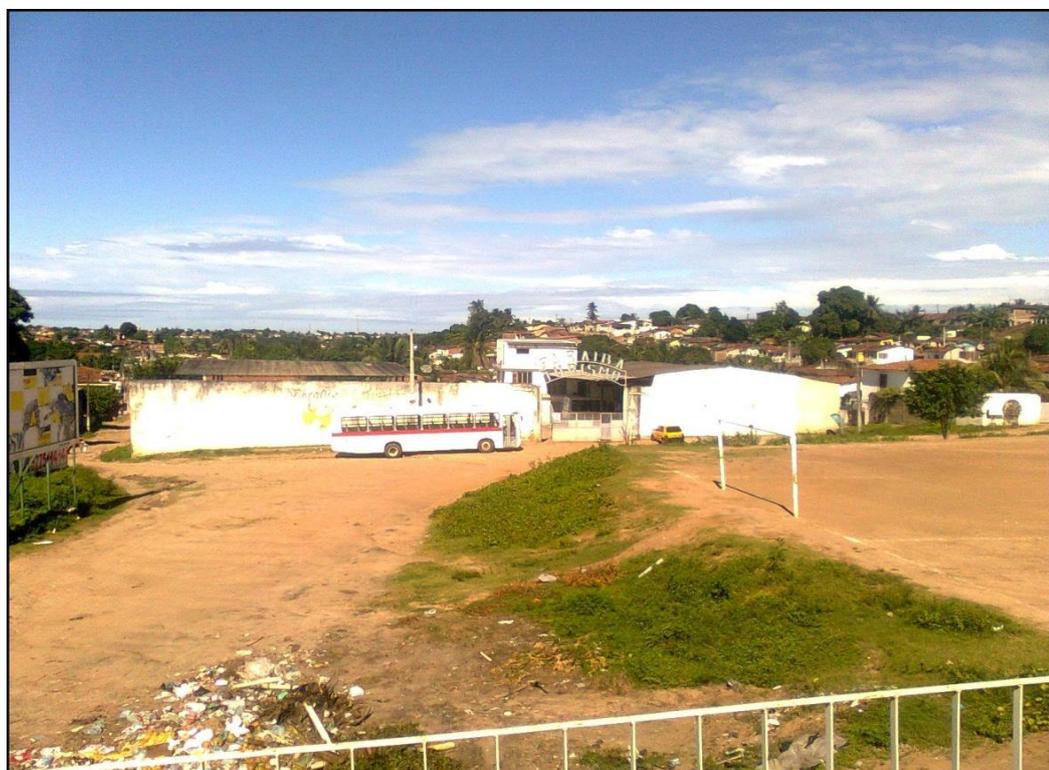
As atividades mudam de tempos em tempos com uma grande frequência, o que antes era um comércio se torna um serviço, ou outro comércio. Já o uso do solo não muda tão rápido é necessário um processo, um grande período de tempo. Esta mudança é lenta e gradativa. Todo dia há um grande movimento de pessoas e veículos na avenida. Sobre o intenso movimento das funções, Santos (1988) diz que:

Ao passarmos numa grande avenida, de dia ou à noite, contemplamos paisagens diferentes, graças ao seu movimento funcional. A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano. (SANTOS, 1988, p.24)

O uso do solo pode ser designado como misto, mas verificamos que se encontra em transição, ou seja, um dia pode vir a ser um solo totalmente comercial. Mesmo assim não acreditamos nessa hipótese, pois seriam necessárias muitas décadas para que isso pudesse acontecer. Além disso, a avenida possui um relevo bem acidentado em alguns trechos, principalmente na ladeira de Cruz das Armas onde a pista fica acima do nível das residências. Não seria viável nem tão pouco atrativa a instalação de comércios na área, pois esse acidente na mesma faz com que eles fiquem “escondidos”. Isso ocorre apenas no eixo oeste. Se um dia existir comércios ali, seriam apenas pequenos comércios como armarinhos e mercearias, já existe alguns, mas não acreditamos que todas as residências um dia irão se tornar comércios. Na mesma área no eixo leste há um campo e por trás do campo uma garagem de ônibus. (Figuras 12 e 13)



**Figura 12 - Campo no eixo leste da Avenida Cruz das Armas.
Em 2º plano (lado esquerdo) existe uma empresa de ônibus, Paraíba Turismo.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**



**Figura 13 – Empresa de ônibus vista a partir da Avenida Cruz das Armas.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**

Na extensão da avenida podemos encontrar alguns comércios e serviços iguais ou semelhantes próximos, isso por que o local se torna propicio a esta atividade, com um ambiente propicio a sua instalação surgem às concorrências. Um exemplo seriam as equipadoras de veículos. O motivo para que estas equipadoras estejam instaladas na avenida seria porque ao ser entrada e saída da cidade, há uma intensa movimentação de veículos nos dois sentidos. Esses serviços dão suporte aos veículos que por ali passam. Outro exemplo seria a presença as funerárias e centrais de velórios, estas se fazem presentes na avenida pelo fato de haver a existência do cemitério São José. Com as funerárias mais próximas ao cemitério, além de facilitar o transporte do velório ao cemitério, o valor do serviço é mais barato também pelo fato das mesmas e do cemitério estarem localizados em um bairro de classe baixa onde os demais bairros das redondezas também são de classe baixa.

Há ainda a presença de diversos residenciais construídos há pouco tempo com diversos apartamentos para famílias viverem. Este fenômeno cresce com rapidez em diversas localidades não apenas na avenida.

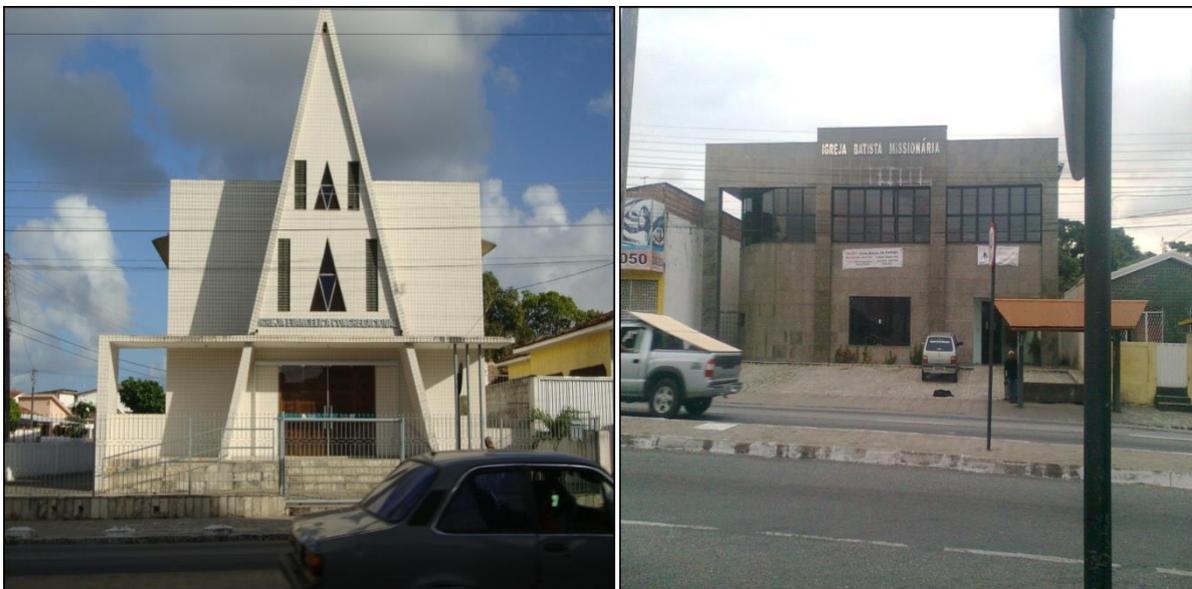
Foram observados também os pequenos comércios informais (quiosques e fiteiros) nas calçadas em frente aos estabelecimentos. Estes são bem mais acessíveis aos pequenos comerciantes, pois custam mais barato para comprar ou até alugar para poderem fazer suas vendas. (Figuras 14 e 15)



**Figuras 14 e 15 – Fiteiros presentes ao longo da avenida.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**

Observamos ainda a presença de diversas igrejas, tanto católica quanto protestantes. Acreditamos que isto acontece pelo fato da população residente das adjacências serem

humildes e se apegam a Deus através das suas respectivas igrejas, para “diminuir suas inquietações e atenuar seus problemas”. (Figuras 16 e 17)



**Figuras 16 e 17 – Algumas das igrejas presentes ao longo da avenida.
Autoria: Cristiane Dias (2011)**

As agências bancárias, pelo menos algumas, estão presentes na avenida desde a década de 1980 e também se encontram próximas uma das outras cada uma oferecendo seus serviços aos moradores e transeuntes da área.

Na avenida existem comércios e serviços de tipos variados, como supermercados, lojas de importados, casas de ferragens, lojas de roupas, farmácias, açougues, instituições financeiras, armarinhos, também as residências e a presença de alguns outros edifícios como o quartel do exercito, um hospital infantil, uma maternidade, postos de abastecimento entre outros.

Para ilustrar melhor a análise do uso do solo da Avenida Cruz das Armas foram feitos gráficos e tabelas a partir do levantamento feito em toda a avenida. O levantamento do uso do solo começou a partir do final da avenida, próximo a saída para o viaduto, em direção ao início próximo a Praça Bela Vista. Nas tabelas estão contidos cada setor funcional ou categoria, e a quantidade de cada uma das atividades que estão contidas em cada um destes setores, além do percentual. (Tabela 1)

Tabela 1 – Uso e Ocupação do solo da Avenida Cruz das Armas (2011)

Setor funcional	Quantidade	(%)
Residências	176	28
Comércios	209	32
Comércios e Serviços	10	1
Serviços	165	26
Outros	84	13
Total	645	100

Fonte: Pesquisa de Campo – Maio/ Junho 2011
Organização: Cristiane Dias

Residências

Antes eram predominantes, hoje as residências ainda são muito presentes na avenida, representam um percentual de 28% do total de edificações presentes na mesma. Estas residências que ainda estão presentes são habitadas por moradores antigos do bairro e que foi passado de geração para geração.

Comércios e Serviços

Os comércios e em seguida os serviços surgiram e instalaram-se aos poucos e se espalharam por toda sua extensão da avenida. Observamos que na mesma há trechos de comércios e serviços intercalados por residências e isso se repete por toda a área. São 32% de comércios, 1% de comércios e serviços juntos e 26% de serviços estão presentes na avenida.(Figuras 18, 19, 20, 21)



Figuras 18 e 19 - Atividade comercial na Avenida Cruz das Armas
Autoria: Cristiane Dias (2011)



Figura 20 – Atividade comercial na Avenida Cruz das Armas.
Autoria: Cristiane Dias (2011)



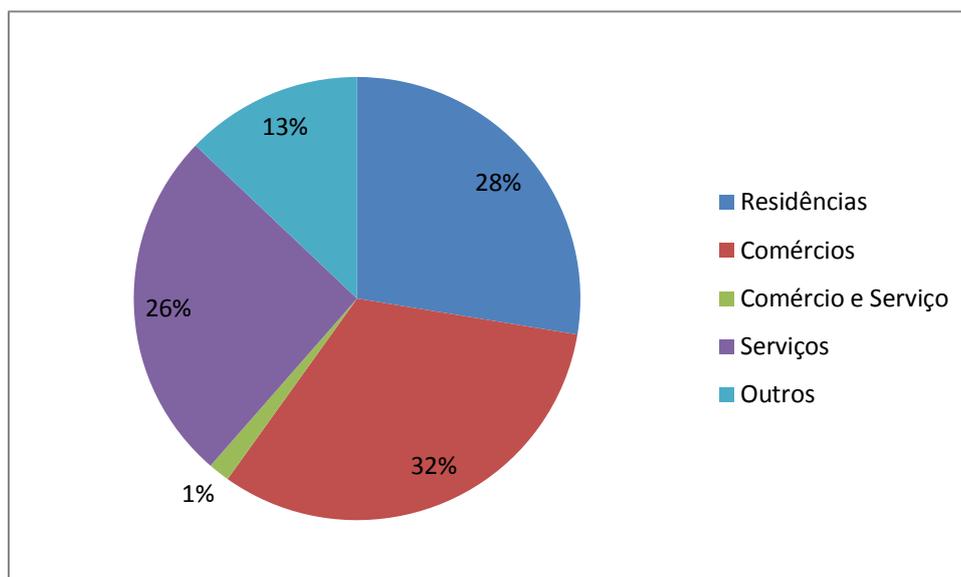
Figura 21 - Atividade comercial na Avenida Cruz das Armas
Autoria: Cristiane Dias (2011)

Na figura 20 e 21 é possível notar que não há presença de residências, neste trecho temos uma concentração de comércios.

Outros

As demais atividades são representadas por tudo aquilo que não se enquadra nas demais categorias funcionais. Estes representam 13% do total das atividades presentes na mesma. (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Uso do solo da Avenida Cruz das Armas em 2011.



Fonte: Pesquisa de Campo – Maio/ Junho 2011
Organização: Cristiane Dias

Para um maior o entendimento deste estudo, aqui estão os gráficos e tabelas de cada eixo ou lado da avenida. Os eixos leste e oeste foram assim denominados, pois levamos em consideração a direção do mar.

O eixo oeste é o que possui maior numero de comércios. As demais categorias se encontram praticamente equilibradas uma em relação a outra. (Tabela 2 e Gráfico 2)

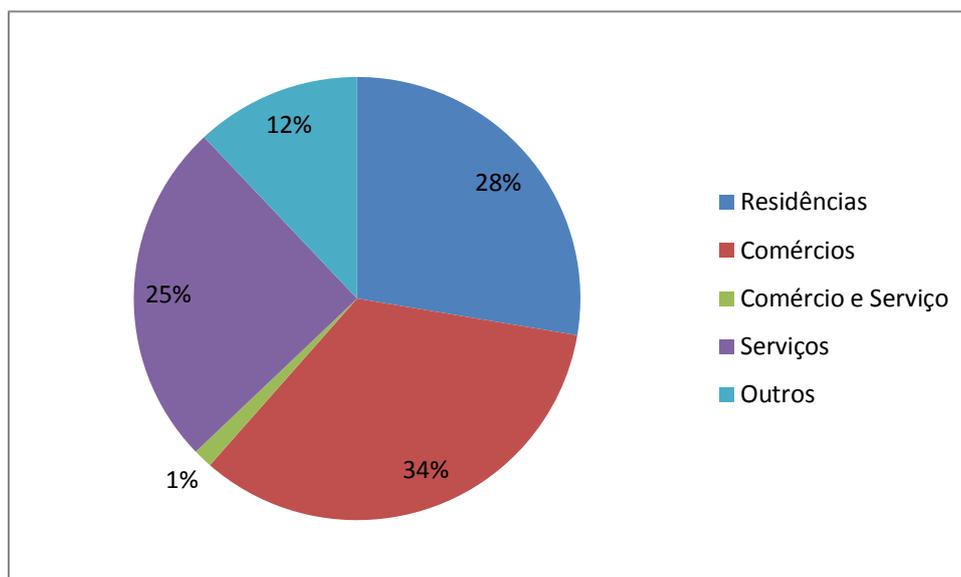
Tabela 2 – Uso e Ocupação do solo da Avenida Cruz das Armas

Eixo Oeste

Setor funcional	Quantidade	(%)
Residências	98	28
Comércios	121	34
Comércios e Serviços	5	1
Serviços	89	25
Outros	44	12
Total	358	100

Fonte: Pesquisa de Campo – Maio/ Junho 2011
Organização: Cristiane Dias

Gráfico 2 – Uso do solo do Eixo oeste da Avenida Cruz das Armas em 2011.



Fonte: Pesquisa de Campo – Maio/ Junho 2011
Organização: Cristiane Dias

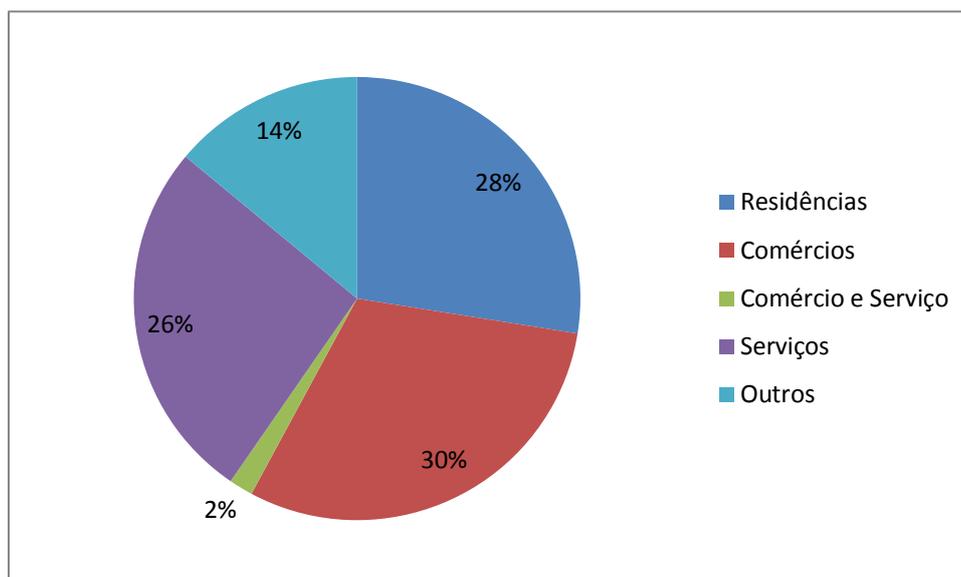
O Eixo leste possui menos comércio que o eixo oeste. Este tem suas categorias funcionais mais equilibradas. A única categoria que tem um percentual mínimo é a *Comércio e serviço* onde às atividades presentes são comércio e serviços juntos. (Tabela 3 e Gráfico 3)

Tabela 3 – Uso e Ocupação do solo da Avenida Cruz das Armas

Eixo Leste		
Setor funcional	Quantidade	(%)
Residências	78	28
Comércios	88	30
Comércios e Serviços	5	2
Serviços	76	26
Outros	40	14
Total	287	100

Fonte: Pesquisa de Campo – Maio/ Junho 2011
Organização: Cristiane Dias

Gráfico 3 – Uso do solo do Eixo leste da Avenida Cruz das Armas em 2011.



Fonte: Pesquisa de Campo – Maio/ Junho 2011
Organização: Cristiane Dias

Foi verificado que no trecho do bairro de Cruz das Armas a atividade comercial é mais “adiantada”, ou seja, há uma menor variedade comercial em relação ao trecho do bairro de Oitizeiro, onde os comércios são principalmente do gênero alimentício, também algumas casas de ferragens, bares, farmácias entre outros.

Na questão do transporte, a circulação é intensa, porém não há grandes problemas na hora do *rush*. Os dias constatados como mais “problemáticos” ao trânsito são os dias de feira, sábado e domingo principalmente, pois o tráfego fica muito lento na área de Oitizeiro.

Ao comparar esta avenida com outras da cidade como a Epitácio Pessoa e a Josefa Taveira, por exemplo, podemos ver o quanto estas se desenvolveram em relação a Cruz das Armas que se manteve praticamente a mesma ao olharmos por este ângulo. Ao observar a Epitácio Pessoa principalmente, já que juntamente com a Cruz das Armas são as vias de expansão de João Pessoa, podemos ver esta disparidade. A Avenida Epitácio Pessoa é muito mais desenvolvida do que a Cruz das Armas por ser o principal caminho para a praia. Com a expansão da cidade, como já foi citado, as pessoas que tinham mais condições passaram a morar próximo a praia e não mais no centro. Os bairros que estão ao seu redor se desenvolveram e hoje são alguns dos mais abastados da cidade. Já a Avenida Cruz das Armas mesmo com a função de principal saída e entrada da cidade ficou um pouco esquecida, talvez pelo fato da Epitácio levar ao mar e ela que levava apenas a saída da cidade, mas hoje apesar de ainda possuir essa finalidade, já perdeu mais essa importância, pois existem outros acessos, o que faz com que essa marginalização tenha ocorrido.

Atualmente podemos sentir algumas diferenças sutis, o mercado de Cruz das Armas estava em reforma que já foi concluída, alguns comércios mudaram de atividades novamente, alguns dos terrenos vazios já possuem construções em andamento e as residências em ruínas já foram derrubadas e estão sendo construídas outras edificações. Contudo a avenida continua a mesma a não ser por pequenas intervenções das quais a principal delas seriam a duplicação do trecho situado no bairro de Oitizeiro para “desafogar” o trânsito.

A verticalização na Epitácio Pessoa e em seu entorno está cada vez mais acentuada e isso já ocorre há algumas décadas. Já na Avenida Cruz das Armas não ocorreu verticalização, porém começam a aparecer alguns edifícios. A especulação imobiliária se encontra em diversos espaços da cidade, porém usam artifícios diferentes para cada um destes. Nesta avenida acontece de maneira bem diferente das avenidas situadas próximas à orla, isso é um fato. Já pode-se notar a presença de um pequeno edifício no bairro de Cruz das Armas e no final da Avenida um condomínio com alguns edifícios, está sendo construído e este com a função residencial. Estes podem ser os primeiros de uma possível verticalização na área. (Figura 22 e 23)

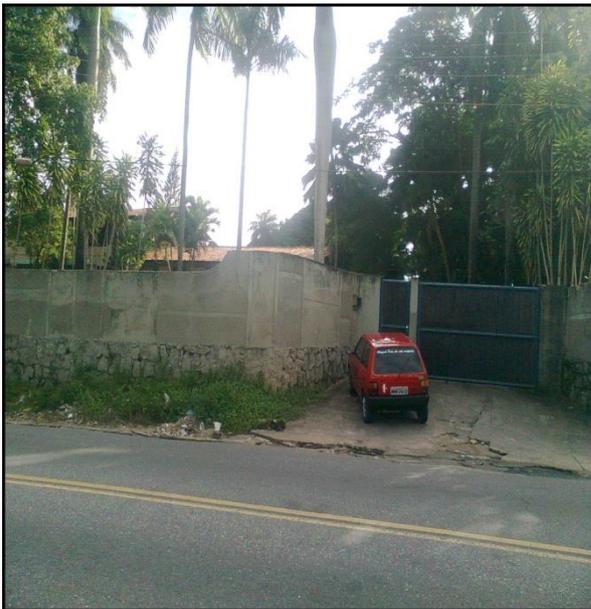


Figura 22 – Condomínio em construção.
Autoria: Cristiane Dias (2012)

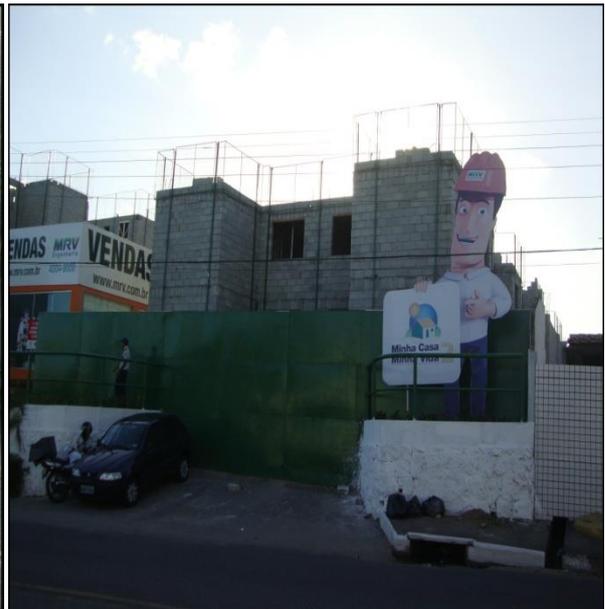


**Figura 23–Condomínio Parque Jacumã. Primeiros prédios residenciais em construção.
Autoria: Cristiane Dias (2012)**

As sutis transformações podem ser percebidas por quem realmente as observa isso vale para o local onde estão construindo o condomínio, que antes era uma chácara onde eram realizados eventos religiosos. (Figuras 24 e 25)



**Figura 24– Antiga Chácara onde eram realizados eventos religiosos (Missão Santo Fogo para as Nações).
Autoria: Cristiane Dias (2011)**



**Figura 25- Condomínio em construção (Parque Jacumã).
Autoria: Cristiane Dias (2012)**

Portanto, a avenida continua sendo uma das saídas da cidade e apresenta um grande número de residências ao longo da sua extensão e aos poucos as atividades comerciais, residenciais, ou de serviço mudam, seu uso do solo parece estar “estagnado”, mas se encontra em numa transição que não sabemos se um dia irá acabar e torná-la uma avenida totalmente comercial ou se a mesma se manterá assim, uma avenida com uso do solo misto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avenida importante na formação e expansão da cidade a Cruz das Armas ainda possui essa importância na evolução urbana. Já foi o principal corredor viário de acesso à saída/entrada da cidade, hoje ainda possui esta função (apesar de agora existirem outros acessos para sair e entrar na cidade), mas também é via de acesso a outros bairros situados mais ao sul, é além de uma área residencial é também uma área comercial de suporte rodoviário e de necessidades básicas tanto dos bairros que ela perpassa quanto desses bairros adjacentes. O comércio no geral se encontra na seguinte situação: Sempre mudam de um comércio para outro, um fecha e abre outro em seguida na mesma edificação, mas o crescimento em si podemos dizer que é muito lento. Houve um crescimento mínimo se levarmos em relação o que aconteceu na década de 1970/1980. Existiu sim uma transformação, um banco deu lugar a uma igreja, uma residência deu lugar a um comércio, por exemplo. As residências ainda são muito presentes na avenida, em alguns trechos são predominantes, em outros o comércio predomina. Comércio, serviços e residências estão bem distribuídos pela avenida. A quantidade de residência é quase igual ao de comércio e de serviços, ou seja, possui um solo misto.

No presente ano houve transformações de atividades em algumas das edificações da avenida e a mesma passa por melhorias no trecho situado no bairro de Oitizeiro que não é duplicado, a fim de melhorar a circulação de veículos. A presença da especulação imobiliária se encontra cada vez mais forte com a construção de um condomínio no final da avenida.

Portanto, a Avenida Cruz das Armas apesar de marginalizada, em relação à outra via de expansão, continua num avanço lento em suas atividades e edificações, porém o seu uso do solo propriamente dito se encontra em transição ao mesmo tempo em que parece estar estagnado, pelo menos no momento atual. Deparamos-nos com um solo de uso misto, e não se sabe ao certo se um dia esta transição dará espaço a um novo uso do solo ou se permanecerá como uma avenida de uso misto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rita de Cássia Gregório de. As ruas da Cidade Baixa: Cotidiano e Espacialidade: As Ruas João Suassuna e Visconde de Inhaúma. **Relatório final de pesquisa** PIBIC-UFPB (Programa de Bolsas de Iniciação Científica) João Pessoa, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação.** Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027: informação e documentação: sumário: apresentação.** Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028: informação e documentação: resumo: apresentação.** Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6029: informação e documentação: livros e folhetos: apresentação.** 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação.** Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6034: informação e documentação: Índice: apresentação.** 2.ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.

BARROS, Paulo Cezar de; FERREIRA, Fernando da Costa. A Importância Do Estudo Da Geografia Histórica Para A Compreensão Do Espaço Urbano. In: **Revista geo-paisagem** (online) Ano 8, nº 15, Janeiro/Junho de 2009.

BATISTA, Getulio Teixeira; DIAS, Nelson Wellausen. Ocupação do solo urbano: Desafios pós Estatuto das cidades. Pré Print do capítulo do livro: **Uma agenda para a sustentabilidade regional: Reflexão e ação - Parte II: Desafios.** Universidade de Taubaté, 2008. Disponível em:

http://www.agro.unitau.br:8080/dspace/bitstream/2315/146/1/Capitulo_Getulio_Livro_GDR_Ocupacao.pdf [Acesso em 17.03.2012]

CARLOS, Ana Fani A.. **Espaço – tempo na Metrópole.** São Paulo: Contexto, 2001.

FREHSE, Fraya. **O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império.** São Paulo: EDUSP, 2005. 266 p.

GONÇALVES, Regina C. et al. **A questão urbana na Paraíba.** João Pessoa: Ed. Universitária, 1999, p. 74.

GONÇALVES, Thalismar Matias. Fundamentação teórica. In: _____ **A dinâmica do Espaço Urbano: Um estudo sobre o bairro Parque Residencial Laranjeiras, Serra-ES.** (Monografia de Graduação) Vitória: UFES, 2007. p. 18 -28.

LEANDRO, Aldo Gomes. Reestruturação urbana, turismo e imagem da cidade. In: _____ . **O turismo em João Pessoa e a construção da imagem da cidade.** (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: UFPB, 2006. Cap 1, p. 16-50

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <<http://www.4shared.com/>>

LIMA, Ina Maria Correia Ferro de. Cidade de João Pessoa: Processo de Urbanização, Expansão e a Especulação Imobiliária. In: _____ Ocupação Condominizada em Zona Especial de Preservação: O Bairro Portal do Sol. (Monografia de Graduação). João Pessoa: UFPB, 2010. Cap. 1

MAIA. Doralice Sátyro. **Tempos lentos na cidade:** Permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa - PB. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 2000.

_____. Notas sobre a urbanização da cidade de João Pessoa: do processo e do seu reverso. In: **Revista Paraibana de Geografia.** Vol.III, nº 1 – Julho de 2001. UFPB.

_____. Ruas, casas e sobrados da cidade histórica: entre ruínas e embelezamentos, os antigos e os novos usos. In: **Scripta Nova:** Revista Eletrônica de Geografia Y Ciências Sociales. (On line)Vol. XII, nº 240 – 1 de Agosto de 2008. [Acesso em 27.01.2011]

_____. A Rua e a cidade. In: **Com Ciência:** Revista eletrônica de Jornalismo científico. (On line) nº88, Junho de 2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=25&id=277>. [Acesso em 09. 09. 2011]

MATOS, Patrícia Francisca de; PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar. Observação e Entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária In: RAMIRES, Júlio Cesar de Lima; PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar (Orgs.). **Geografia e Pesquisa Qualitativa:** nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009. p. 279-281.

MEYER, Regina Maria Prosperi. O Papel da rua na urbanização paulista. In: **Cadernos de História de São Paulo:** A cidade e a rua. Museu Paulista da Universidade de São Paulo, n.2, p. 13-25 Jan/Dez de 1993.

NASCIMENTO, Moisés Silva do. **O Crescimento da atividade comercial na Avenida Cruz das Armas e sua espacialidade.** (Monografia de graduação) João Pessoa: UFPB, 1997.

NOVAES, J. Ferreira de. Cruz das Almas: A verdadeira graphia do populoso bairro. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Parahyba. Vol.9 – 1937. CD- ROM

OLIVEIRA, Luciano Agra de. **Uma Contribuição aos Estudos Sobre a Relação Transportes e Crescimento Urbano:** O Caso de João Pessoa - PB. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: UFPB, 2006. Disponível em:<http://www.ct.ufpb.br/pos/engurbana/>

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Código de Postura,** 1995. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/legislacao/seplan/codposturas.pdf> [Acesso em 21.09.2012].

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Estatuto das cidades**, 2001. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/legislacao/lei-no-10-2572001-estatuto-da-cidade/>

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Plano Diretor do Município de João Pessoa**, 1994. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/legislacao/seplan/planodiretor.pdf> [Acesso em 22.03.2012]

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. **Desdobramento do Centro**: Uma manifestação domeio técnico-científico-informacional em Natal. XVI Semana de Humanidades. Junho de 2009. Departamento de Geografia, UFRN, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT39/39.1.pdf> Acesso em: 11/06/2012

SÁ, Nirvana Lígia Albino Rafael de. **A cidade no despertar da era higiênica**: A Cidade da Parahyba e o Movimento Higienista (1854-1912). (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes.html> >

SALES, Andréa L. Porto e MAIA, Doralice Sátyro. Cidade da Parahyba: Transformações no uso das ruas (século XVIII a 1889). In: **Revista Cadernos do LOGEPA - Série Texto Didático** Ano 02, Número 4 - Jul/Dez de 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.4shared.com/>

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985. (Coleção Espaços).

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, Ermínia. (Orgs.) **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982. p.21-36.

SOARES, Maria Simone Morais. As ruas de expansão e de modernização da cidade: geografia histórica, morfologia urbana e cotidiano na rua João Machado – João Pessoa – PB. **Relatório final de pesquisa PIBIC- UFPB** (Programa de Bolsas de Iniciação Científica) João Pessoa, 2008.

SOUZA, Alessa Cristina Pereira de. **Por onde andam as festas? Um estudo sobre a (Re) organização social dos moradores de Cruz das Armas, João Pessoa – PB**. P.141. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: CFCH/UFPE, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp129516.pdf> Acesso em: 06/06/2011

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

STUCKERT FILHO, Gilberto Lyra. **Parahyba**: Capital em fotos. João Pessoa: F & A, 2004.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

ROTEIRO PARA COLETA DE DEPOIMENTOS
AVENIDA CRUZ DAS ARMAS

PESQUISA

Entrevistador: _____

Local da Enquete: _____

Data da Enquete: _____

Responsável pelas Informações: _____

Dados do Entrevistado:

1. Sexo: (1)Masculino (2)Feminino

2. Profissão: _____

3. Escolaridade: (1)sem instrução (2)fundamental incompleto (3)fundamental compl.
(4)médio incompleto (5)médio completo (6)superior incompleto (7)superior completo ou
mais

4. Idade: _____

5. Local de Nascimento: (1) João Pessoa (2) Outro Qual: _____

6. Há/ Por quanto tempo mora/morou no bairro? _____

Sobre a Avenida:

1. Continuam surgindo novos comércios e serviços. Comparando com a época mais antiga que você lembra, ocorreram muitas mudanças? Relate como era avenida e as mudanças percebidas.

2. Que tipo de estabelecimentos existia na avenida?

3. Você utiliza o comércio e os serviços locais? Isso diminui suas idas ao centro da cidade ou a outro ponto da cidade que possui os mesmos comércios e serviços presentes na avenida?
